



2024 - 1ª edição

# SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UEL

Dia 02 de agosto  
Das 8h30 às 17h20  
Apresentações/Arguições

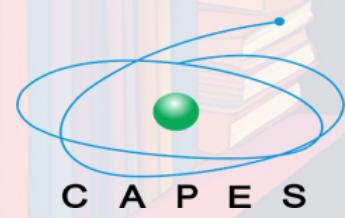


**PPGL**

Programa de  
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA



CAPES

# **EXPEDIENTE**

**Caderno de Resumos do SEDA  
Seminário de Dissertações e Teses em Andamento  
Periodicidade: semestral**

Universidade Estadual de Londrina  
Centro de Letras e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), Km 380 - Campus Universitário  
- Caixa Postal 10.011 86057-970, Londrina/PR

Seminário de Dissertações e Teses em Andamento  
1.ª edição de 2024 / Volume 1, n. 1  
Universidade Estadual de Londrina | Centro de Letras e Ciências Humanas |  
2 de agosto de 2024.

**REALIZAÇÃO:**

Universidade Estadual de Londrina  
Programa de Pós-Graduação em Letras

**COORDENAÇÃO:**

Laysa L. S. Beretta  
Gustavo Ramos de Souza  
Regina Célia dos Santos Alves

**COMISSÃO:**

Amanda Damasio Teixeira  
Ana Cristina Pereira  
Ana Carla da Silva Lima  
Bárbara R. Almeida Trevisan  
Érica Alessandra Paiva Rosa  
Felipe Frasson Fusco  
Gabriel Viruez da Silva

Juliana da Silva Bello  
Letícia Palazzio  
Kawane Isabely Pereira  
Maria Izabel de Oliveira  
Matheus Willian Migotto  
Raphaela da Silva e Souza

# SUMÁRIO

03 Apresentação

04 Cronograma de Arguições /  
Apresentações

07 Caderno de Resumos



PPGL

Programa de  
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA



C A P E S

# APRESENTAÇÃO

O SEDA - Seminário de Dissertações e Teses em Andamento - é uma atividade do Programa de Pós-Graduação em Letras regularmente ofertada a cada semestre. É a oportunidade para que mestrandos(as) e doutorandos(as) exponham os trabalhos em andamento, de forma que os outros(as) alunos(as) possam conhecer os trabalhos de seus(suas) colegas. O formato é o de apresentação de resultados parciais da pesquisa pelo(a) mestrand(o)(a) ou pelo(a) doutorando(o)(a), acompanhado(a) de seu(sua) orientador(a). Esta exposição é articulada com comentários críticos efetuados normalmente por outro(a) docente do PPGL, que atua como debatedor(a). É atividade obrigatória para discentes matriculados(as) em Colóquio de Pesquisa, observado o fato de que alunos(as) de mestrado em primeiro semestre de matrícula participam do SEDA como ouvintes, sem apresentar trabalhos. A participação dos(as) demais mestrandos(as) e doutorandos(as) do PPGL, como ouvintes, é importante e bem-vinda. A participação dos(as) bolsistas é obrigatória na execução e no acompanhamento do evento.

O SEDA 2024/1 será presencial e ocorrerá na Sala de Eventos do CCH nos períodos matutino e vespertino.

Desejamos um excelente evento a todos(as)!

Comissão organizadora.



PPGL

Programa de  
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA



# CRONOGRAMA DE ARGUIÇÕES

sexta / 2 de agosto / 8h30

08h30-08h45

ABERTURA

08h50-09h15

Aluna: Maria Isadora Rosolen Camargo  
Orientadora: Suely Leite  
Arguidora: Maria Carolina Godoy

09h515-09h40

Aluna: Priscila A. Borges Ferreira Pires  
Orientadora: Suely Leite  
Arguidora: Maria Carolina Godoy

09h40-10h05

Aluno: Gabriel Henrique Camilo  
Orientadora: Maria Carolina Godoy  
Arguidor: Gustavo Ramos de Souza

10h05-10h30

CAFÉ DA MANHÃ

10h30-10h55

Aluno: Frederico Henrique Faustino  
Orientadora: Maria Carolina Godoy  
Arguidor: Miguel Vieira



10h55-11h20

Aluna: Lucélia Canassa  
Orientadora: Maria Carolina Godoy  
Arguidor: Miguel Vieira

11h20-11h45

Aluna: Júlia D'Auria Antuniassi  
Orientadora: Claudia Ferreira  
Arguidora: Laysa Beretta

11h45-14h00

## INTERVALO ALMOÇO

14h05-14h30

Aluna: Fernanda Aparecida de Freitas  
Orientador: Alamir Aquino Corrêa  
Arguidora: Telma Maciel

14h30-14h55

Aluno: Felipe Frasson Fusco  
Orientadora: Telma Maciel  
Arguidor: Alamir Aquino Corrêa

14h55-15h20

Aluna: Maristella Letícia Selli  
Orientador: Alamir Aquino Corrêa  
Arguidor: Luiz Santos Simon

15h20-16h10

## CAFÉ E LANÇAMENTO LIVRO PPGL



**PPGL**  
Programa de  
Pós-graduação em Letras

**16h10-16h35**

Aluna: Ana Carla da Silva Lima  
Orientadora: Barbara Cristina Marques  
Arguidor: Alamir Aquino Corrêa

**16h35-17h00**

Aluna: Juliana da Silva Bello  
Orientadora: Barbara Cristina Marques  
Arguidor: Gustavo Ramos de Souza

**17h00-17h20**

Aluno: Antônio Martins da Silva Júnior  
Orientadora: Ellen Mariany da Silva Dias  
Arguidora: Regina Célia dos Santos

**17h20**

**ENCERRAMENTO**



**PPGL**

Programa de  
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA



# SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

# SEDA

SEMINÁRIO DE DISSERTAÇÕES E TESES EM ANDAMENTO

## CADERNO DE RESUMOS

1<sup>a</sup> edição – 2024



PPGL

Programa de  
Pós-graduação em Letras



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA



CAPES



## REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA VELHICE CONTEMPORÂNEA E SUAS SUBJETIVIDADES: ELVIRA VIGNA E MARIA VALÉRIA REZENDE

Maria Isadora Rosolen Camargo (mestrado)

Suely Leite (Orientadora)

3º semestre do Mestrado

Previsão de defesa: 02/2025

O papel da mulher, inquestionavelmente, foi sucumbido a posições secundárias em todas as fases de sua vida, desde tempos remotos e, infelizmente, até os dias de hoje. A Literatura, por sua vez, foi um reflexo do mundo ocidental, patriarcal e branco (Zolin, 2009) e por causa disso reservou os destaques ao homem que correspondia a essas características. A mulher, todavia, já reservada ao espaço maternal e do lar, não teve o mérito dentro dos livros, tendo que recorrer a pseudônimos ou ao anonimato. Porém, com a efervescência cultural em que o Brasil se inseria, pós 1922, com a reconhecida Semana de Arte Moderna, uma gama de escritores começa a aparecer e ter voz, os quais são denominados por muitos de “minorias sociais”. A partir disso, a mulher foi sendo, por arestas e frestas, inseridas no meio literário, mas, sobretudo, as mulheres brancas, jovens e elitizadas, como Lygia Fagundes Telles e Clarice Lispector. Regina Dalcastagnè (2014), realizou uma grande pesquisa sobre quem escreve literatura na contemporaneidade e percebeu, é claro, que a grande maioria são os homens, mas, eu pude perceber que a mulher na fase da velhice é ainda mais subestimada como escritora. Por tudo isso, começo a explicar, de fato, a minha pesquisa: a subjetividade da mulher na velhice, que só aconteceu devido a uma pandemia que nos traumatizou no início de 2020, com perdas doídas no mundo inteiro. Com tudo isso, tirar resistência e mais voz para lutar pelos nossos direitos foi, de fato, um ato bárbaro. Assim, esta dissertação tem como objetivo evidenciar a literatura de Elvira Vigna e Maria Valéria Rezende, usando como instrumento literário seus livros *Nada a Dizer* (2010) e *Quarenta Dias* (2014) respectivamente. A partir dos romances expostos, busco analisar a construção das personagens que se encontram na velhice, por isso pretendo demonstrar a subjetividade feminina e como ela é anulada nesse período da vida. Cabe também ressaltar que as personagens principais sofrem um processo de esvaziamento emocional, já que ambas são traídas, uma pelo marido, com uma mulher 20 anos mais jovem que ela, e outra pela filha, visto que há uma violência simbólica, já que Norinha, filha de Alice, reserva sua mãe ao papel de avó devido a idade. Desse modo, estudos sobre a construção feminina e seu papel social serão propostos, usando como base Beauvoir (1967), Zolin (2009), Showalter (1994), Lobo (2001), e ao longo do desenvolvimento, outros autores e seus conceitos irão compor o arcabouço teórico. Além disso, há a realização de um paralelo entre as duas personagens femininas, para destacar como elas se entendem enquanto sujeitos determinados, biologicamente, como mais velhos. A análise das personagens da narrativa se baseia na crítica literária feminista, recorre-se, portanto, aos estudos de Showalter (1994) e as representações femininas designadas por ela na Literatura. Ademais, Elvira Vigna e Maria Valéria Rezende são literatas contemporâneas e constroem suas histórias de acordo com a modernidade da civilização, desse modo, também abordarei sobre a fragmentação do sujeito pós-moderno, embasando-me nos estudos de Hall (2006), além dos textos que discutem a Literatura Contemporânea, como o de Schollhammer (2009) e Dalcastagnè (2005). Reflexões sobre o feminismo também serão evidenciadas, para entender a sua importância para a sociedade e para a Literatura (Duarte, 2003). Por fim, busco contribuir com considerações sobre as obras das autoras e sobre o tema proposto para ser estudado. Os capítulos da minha dissertação, ainda em fase de desenvolvimento, são: uma Introdução que aborde sobre minha trajetória

acadêmica e a escolha do corpus; o capítulo 1, denominado de *A contemporaneidade em Quarenta Dias e em Nada a Dizer*, aborda sobre como os livros se encaixam na chamada Literatura Contemporânea, demonstrando suas principais características, usando, sobretudo, Regina Dalcastagnè (2014), com sua análise sobre os romances contemporâneos; Schollhamer (2009) e as características da contemporaneidade literária; Rosenfeld (2009) e o rompimento da tradição da narrativa, principalmente do narrador; e Agambem (2009) sobre a procura do que é ser contemporâneo. No segundo capítulo *Quarenta Dias e Nada a Dizer: o percurso das autoras*, há a abordagem sobre Maria Valéria Rezende e Elvira Vigna, demonstrando como elas são aceitas pelas principais mídias literárias, além de evidenciar quem são as autoras mulheres que publicam hoje em dia, chegando a uma constatação de que são, principalmente, mulheres jovens. O terceiro capítulo *O muito a dizer sobre a velhice* abordará sobre a velhice feminina e como isso impacta na construção da narração de um romance e no enfoque das personagens, usando para isso Ecléa Bosi (2020) e Beauvoir (1970), que nos mostram como os principais tipos de velhice são construídos, inclusive dentro de uma sociedade patriarcal que vê o corpo da mulher como produto, por isso, um olhar sobre a sexualidade (ou a ausência dela) nas personagens também será evidenciado, visto que os corpos femininos, quando não atingem mais o ideal de produtividade (sexual e financeiramente) são descartados, como ocorre nos romances. O capítulo 3 apresenta subcapítulos, em processo de escrita, denominados, em ordem, de: *A voz feminina na velhice: o diário*, que abordará sobre o diário, instrumento que une as duas personagens, já que ambas escrevem em 1ª pessoa sobre os sentimentos e a vida na velhice, além das dominações, anulações e autodescoberta; para isso, alguns teóricos serão usados, como Michel Foucault e *A escrita de si* (1992), Walter Benjamin e *O narrador* (1983) etc. O próximo subcapítulo abordará sobre as vivências, por isso, ele será intitulado de *Torna-se uma mulher velha: a dor, o autorreconhecimento e o entre-lugar*, já que é por meio do recurso memorialístico, com o uso do diário, que as narradoras irão mostrar como foi o processo de dor, no caso do livro de Vigna, pela traição do marido, e em Rezende, pela dominação da filha, no entanto, é por meio da memória narrativa que elas demonstram que se perderam de si, mas foram capazes de se encontrarem, para isso *A memória ficcionalizada em Heranças e Leite derramado: rastros, apagamentos e negociações*, de Marilene Weinhardt (2012) será utilizado. Portanto, minhas considerações finais abordarão sobre como a escrita pode salvar, além de mostrar que as personagens dos romances vão além, isto é, não se extinguindo nas páginas dos livros, pois elas podem ser um recorte da vida real.

## BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução: HONESKO, Vinícius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. Tradução: MILLIET, Sérgio. São Paulo: Difusão Europeia, 1967.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. 2. ed. Tradução: MARTINS, Maria Helena Franco. Rio de Janeiro: Nova Fronteiro, 1970.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Deslocamentos urbanos na literatura contemporânea brasileira. In: *Brasiliana – Journal for Brazilian Studies*. v.3, n.1, 2014.
- REZENDE, Maria Valéria. *Quarenta Dias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

- ROSENFELD, Anatol. *Reflexões sobre o romance moderno*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p.23-57.
- VIGNA, Elvira. *Nada a Dizer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

# SOBRE FUTUROS (IN)IMAGINÁVEIS E (IM)PREVISÍVEIS: A PRODUÇÃO CONTÍSTICA DA FICÇÃO CIENTÍFICA FEMINISTA BRASILEIRA DOS ANOS 2010

Priscila Aparecida Borges Ferreira (Doutoranda)

Dra. Suely Leite (Orientadora)

7º semestre, fevereiro/2025 (previsão de defesa)

Adam Roberts (2018), em *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas*, afirma que teóricos da ficção científica discordam ao buscar uma definição para o gênero. Dessa forma, ao estudar ficção científica escrita por mulheres o desafio é duplo, pois, sendo a ficção científica discutida enquanto literatura ou não pela academia brasileira, quando essas questões são somadas às de autoria feminina e crítica feminista, torna-se imprescindível compreender essa(s) definição(ões) para identificar as congruências e incongruências dentro desse gênero e como as mulheres o subvertem (ou não). A necessidade de definir a ficção científica também surge do fato de que, embora ela seja inerente aos textos, ou seja, não haja necessidade de o pesquisador inventá-la, “[...] sua natureza específica e os limites de seu uso só podem ser apreendidos através do uso de métodos teóricos” (Suvin, 1977). Por conseguinte, Russ (1975) afirma que a ficção científica é literatura, porém não pode ser julgada pelos mesmos critérios habituais. Um dos conceitos que influenciam a definição de ficção científica é o de *novum*, cunhado por Suvin (1977), que consiste em uma categoria intermediária cuja capacidade explicativa surge de sua rara transição entre o literário e o extraliterário, o ficcional e o empírico, os âmbitos formal e ideológico, em suma, de sua historicidade que não pode ser separada, podendo ser gradual indo de uma invenção pontual até o máximo, um *locus*, um agente. O *novum* é aquilo que transportará o leitor do presente para o futuro da narrativa e o manterá incomodado para que ele perceba que a narrativa (com raras exceções) não é sobre o futuro e sim sobre o presente, assim, o *novum* é a condição para a ficção científica, ele necessita de uma cognição científica metódica, que não pode ser provada, porém torna-se um “experimento mental” que segue uma lógica cognitiva/científica culturalmente adquirida (Suvin, 1977), sendo aquilo que Russ (1975) chama de padrões de plausibilidade. São essas características, conforme Suvin (1977), que produzem o “estranhamento”, termo cunhado por Chklovsky e Brecht, e que se refere a um segundo polo distinto, representando uma realidade altamente autônoma e intransitiva. Essa realidade pode ser alcançada através de dois mecanismos: “uma viagem para um novo *locus* e um catalisador que transforma o ambiente do autor em um *locus* atual” (Suvin, 1977, p. 77). No entanto, a definição de Suvin (1977) considera apenas o conteúdo do texto, já Samuel Delany, segundo Roberts (2018), propõe que os leitores e as leitoras é quem devem estabelecer o que é diferente de seu mundo, por implicação ou declaração, ou seja, para Delany a ficção científica deve ser vista como uma estratégia de leitura. Shippey (2005) concorda com Delany ao afirmar que a ficção científica é um gênero de *high information* que exige muito do leitor, uma vez que há muito que só pode ser recuperado pelo contexto (ou nem mesmo pode ser recuperado), tornando-a um dos gêneros mais difíceis de leitura, já que o leitor necessita reconhecer algumas regras básicas do jogo narrativo (como identificar *novums*) e os novos dados que tais reconhecimentos trazem. Shippey (2005) também afirma

que a ficção científica traz, além de dificuldades intelectuais, dificuldades também emocionais, pois nada é sagrado na ficção científica, então, tudo pode ser questionado e desafiado. Ademais das definições trazidas, Roberts (2018), outrossim, procura definir a ficção científica, um tipo de arte, ao compará-la à ciência e não em sua oposição. Por fim, Gregory Claeys (2013) traz a ficção científica como um subgênero da Utopia/Distopia, entretanto, neste trabalho, a ficção científica é considerada um gênero independente que pode ser considerado utópico ou distópico. Assim sendo, a ficção científica é um gênero propenso para muitas discussões. De acordo com Debra Benita Shaw (2000), consciente ou inconscientemente, as mulheres aproveitaram as liberdades proporcionadas pela ficção científica para desafiar a ideologia de gênero tendenciosa, além de apresentar alternativas surpreendentes e frequentemente revolucionárias para o futuro. Apesar de ser um gênero dominado majoritariamente por homens, as mulheres sempre escreveram e leram ficção científica, e a ficção científica feminista desmantela narrativas binárias e possibilita a escrita de representações inclusivas, desafiadoras das normas tradicionais de gênero, além de defenderem representações diversas, tais como protagonistas femininas que estão em posições de liderança e não de subordinação (Akbar, 2023). Sarah Lefanu (1989), em *Feminismo e Ficção científica*, afirma que as convenções tradicionais da ficção científica, como viagem no tempo, mundos alternativos, entropia e relativismo, podem ser usadas metaforicamente para explorar a construção da "mulher". Assim, a ficção científica feminista se insere no gênero ao mesmo tempo em que luta contra ele. Russ (1995) assevera que a ficção científica escrita por homens não explora ou conjectura sobre papéis de gênero, sendo que, para ela, quanto mais inteligente a ficção científica, mais ela retorna a um passado idealizado em que relações de gênero e capitalistas mantêm-se as mesmas. Além do mais, as personagens femininas estão sempre em papéis passivos e de submissão, sendo que, quando há a inversão de papéis, as mulheres se tornam frias, cruéis, dominadoras, desprezando homens covardes e servis, e quando homens do mundo atual chegam, conseguem dominá-las, sem muito esforço, e logo elas caem sem grandes esforços. Para Russ (1995), os seguintes modelos de mulheres e estruturas são apresentados na ficção escrita por homens: uma economia e estrutura feudal; as mulheres sendo importantes como prêmios ou motivos: a heroína a ser resgatada; mulheres ativas ou ambiciosas são vis; mulheres são belas de uma forma sobrenatural; mulheres frágeis que ficam em subplano; portanto, não havia modelos de heroínas fortes e independentes, o que pode gerar uma dificuldade para que mulheres escrevem histórias subversivas, por isso, ao escrever uma ficção científica que foge de tais modelos, ela pode desafiar a literatura patriarcal tradicional ao introduzir novas personalidades, possibilidades e destinos. Ou ainda, aproveitar os modelos consagrados pela ficção escrita por homens para satirizá-los ou segui-los, mas com protagonistas fortes e determinadas que representam sistemas sociais e ambientes inovadores onde as mulheres não são subordinadas, mas sim agentes de sua própria vida e ações (Russ, 1995). Ao escrever tais histórias, mundos utópicos são possíveis, surgidos do desejo de um "outro lugar" em que haja a possibilidade de se questionar as mazelas e abusos sofridos pelo gênero feminino, mas também propor soluções que lhes traga liberdade física, liberdade sexual (o direito de amar outras mulheres) e o acesso ao mundo (Lefanu, 1989). As distopias feministas destacam precisamente o oposto: a negação da liberdade sexual das mulheres. Elas retratam mulheres aprisionadas por seu sexo e feminilidade, reduzidas de sujeitos a meras funções biológicas, predominantemente reprodutivas (Lefanu, 1989). Além

disso, essas narrativas reconhecem a importância da interseccionalidade de gênero, raça e classe para proporcionar uma visão mais holística da justiça reprodutiva, oferecendo uma perspectiva alternativa às narrativas tradicionais (Tongue, 2022). Por último, as metáforas do ciborgue e das espécies companheiras, propostas por Hanna J. Haraway (2000/2021), são de extrema importância para a ficção científica feminista uma vez que elas trazem uma visão complexa das relações entre ficção científica e feminismo. A teórica propõe que o ciborgue, que resiste às narrativas de origem e subverte as fronteiras tradicionais, pode ser um recurso imaginativo poderoso para a construção de novas formas de consciência e de organização política que desafiem as estruturas de poder existentes e promovam a sobrevivência e a emancipação em um mundo cada vez mais tecnologizado (Haraway, 2000) uma vez que as fronteiras entre realidade social e ficção científica se constroem e estão em constante transformação, sendo relevante para a ficção científica feminista, pois promove um espaço para desafiar o *status quo* (Haraway, 2021). Ao considerar as proposições aqui enumeradas, o *corpus* desta tese está sendo analisado com os objetivos de realizar um levantamento de obras de ficção científica feminista escritas por mulheres e averiguar, a partir do *corpus* apurado, quais temáticas foram encontradas nas obras selecionadas. Dividiu-se a análise em duas principais categorias: “A ficção científica escrita por mulheres como metáfora do presente: ainda o segundo sexo” e “A ficção científica escrita por mulheres: para além da mocinha ou do sex appeal ou por um futuro possível”. Na primeira categoria, estão sendo analisados os contos cuja temática perpassa, em algum momento, a maternidade. As análises consistirão em demonstrar como a construção da narrativa e elementos do gênero ficção científica contribuem para que a maternidade (ou o direito a não maternidade) é (são) discutida(s) a partir de questões morais, sociais e de controle dos corpos femininos (Foucault, 2012). Também será discutida a divisão sexual do trabalho (Federici, 2019). Já na segunda categoria, em que se encontra a maioria dos contos, a análise será focada na (re)escrita e subversão dos padrões da ficção científica para uma ficção científica que demonstre um enfrentamento e novos modelos de heroínas. O trabalho está estruturado a partir da definição de ficção científica; em seguida uma definição de ficção científica feminista, posteriormente, a análise dos contos considerando as temáticas elencadas a fim de demonstrar que a ficção científica escrita por mulheres brasileiras permite uma discussão contemporânea sobre a condição feminina no Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

AKBAR, R. Popularization of science fiction: formula analysis on Elle Mcnicoll's novel *Show us who you are*. **Language Literacy Journal of Linguistics Literature and Language Teaching**, 7, Vol.2 (2023), p. 530-537. Disponível em: <https://doi.org/10.30743/ll.v7i2.8441>. Acesso em 31 mai. 2024.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Tradução Sérgio Millet. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BOOKER, M. Keith; THOMAS, Anne-Marie. Science Fiction in Western Culture. In: BOOKER, M. Keith; THOMAS, Anne-Marie. **The Science Fiction Handbook**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009. p. 4-12.

BORDIEU, P. A **dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

CLAYES, G. O surgimento da ficção científica. In: CLAYES, Gregory. **Utopia**: a história de uma ideia. Tradução de Pedro Barros. São Paulo: SESC, 2013. p. 162-173.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Editora Elefante, 2019.

HARAWAY, Donna. **O Manifesto das espécies companheiras**. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue. Antropologia do ciborgue**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 33-118, 2000.

LEFANU, Sarah. **Feminism and Science fiction**. Indianapolis: Indiana University Press, 1989.

MARTINS, A.; CANIATO, A. (Org). **Aqui quem fala é da terra**. São Paulo: Plutão Livros, 2018.

ROBERTS, Adam. **A verdadeira história da ficção científica**: do preconceito à conquista das massas. Tradução Mário Molina. São Paulo: Seoman, 2018.

RUSS, Joana. Towards an Aesthetic of Science Fiction. In: **Science Fiction Studies**, Vol. 2, No. 2 (Jul., 1975), p. 112-119. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4238932>. Acesso em 9 mar. 2017.

RUSS, Joanna. The image of women in science fiction. In: Joanna, Russ. **To write like a woman**: Essays in feminism and science fiction. Bloomington: Indiana, UP, 1995. p. 200-209.

SHAW, Debra. **Women, science and fiction**: the Frankenstein inheritance. Hampshire: Palgrave, 2010.

SHIPPEY, Tom. Hard Reading: The challenges of Science fiction. In: SEED, David (org). **A companion of science fiction**. UK: Blackwell Publishing Ltd, 2005, p. 29-44.

SUVIN, Darko. Chapter 3: Science Fiction and the Novum (1977). Tradução: Larissa Costa da Mata. In: SUVIN, Darko. **Defined by a Hollow**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/84708/51723>. Acesso em: 2 mai. 2024.

TONGUE, Zoe L, 2022. "Reproductive justice: the final (feminist) frontier", Vol. 4 No. 2 (2022): **Law, Technology and Humans**. p. 95-108. Disponível em: <https://doi.org/10.5204/lthj.2468> . Acesso em 30 mai. 2024.

VALEK, Aline.; SYBYLLA, Lady. (Org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol I. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em 31 mai. 2022.

VALEK, Aline.; SYBYLLA, Lady. (Org). **Universo desconstruído** – Ficção Feminista, vol II. Disponível em: <http://universodesconstruido.com/> Acesso em: 31 mai. 2022.

**REPERTÓRIOS VISUAIS EM NARRATIVAS LITERÁRIAS  
AFRO-BRASILEIRAS (1996-2023):  
A MODA, A ARQUITETURA E AS CORES NA PÓS-MODERNIDADE**

Gabriel Henrique Camilo (Doutorando)

Profa. Dra. Maria Carolina de Godoy (Orientadora)

5º Semestre - Previsão de defesa: janeiro de 2026

Os estudos literários críticos e bibliográficos no Brasil, em uma perspectiva de análise interdisciplinar, encontram na moda e na arquitetura áreas de pesquisa pouco aprofundadas. Intervindo no espaço da narrativa pós-moderna de autoria negra nacional, o objetivo geral desta proposta é compreender e analisar um conjunto de produções que abordam moda, arquitetura e a simbologia/sentidos produzidos pelas cores na narrativa, reunindo as obras em um arco histórico no final do século XX e decorrer do XXI. A leitura comparada evidencia vários espaços de confluências, dentre os quais investigam-se as estratégias de manipulação representadas (visualidades de um “eu”, corpo-sujeito, que se faz em relação ao “outro”) nos textos elencados. Os diários, contos e romances partilham um mesmo solo histórico, o qual, por vezes, é invisibilizado pelas teorias/história da literatura e das artes. Sob essa perspectiva articulam-se estudos a partir dessas visualidades na obra literária enquanto construção de uma imagem de sujeitos e seus estados de subjetivação. Tem-se como *corpus* da pesquisa já analisados: *Meu estranho diário* (1996), *Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos* (2018) e *O Escravo* (2023), de Carolina Maria de Jesus, *O beijo na parede* (2013), *Estela sem Deus* (2018) e *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, *Torto Arado* (2019) e *Doramor ou a odisseia* (2021), de Itamar Vieira Junior, *Terra nos cabelos* (2020) e *Sobre o fundo azul da infância* (2020), de Tônio Caetano. A mediação das obras e teóricos elencados ocorre com a fortuna crítica dos escritores, bem como a inserção de demais textos. Em uma etapa seguinte de análise, estão sendo consideradas: Conceição Evaristo, Ruth Guimarães e Eliana Alves Cruz. No campo dos estudos sobre moda e arquitetura foram centrais os seguintes teóricos, já discutidos na tese e em fase de revisão pela orientadora: Barthes (2018), Benjamin (2009), Calanga (2008), Couto Mello (2010), Crane (2006), Dias (1997), Durand (1988), Erner (2015), Godart (2010), Kohler (1993), Laver (1989), Lipovetsky (1987), Miranda (2008), Probert (1989), Salomon (2020), Sant'Anna (2007), Souza (1987), Souza (2014 e 2016) e Svendsen (2004). Desenvolve-se, neste direcionamento, um breve panorama da produção ocidental, em destaque a brasileira, com intenção de perceber quais as possíveis influências históricas dos escritores selecionados para o estudo e como elas estão presentes nas construções de suas obras. Destacam-se, para tanto, as estratégias representadas através da moda no texto literário, fazendo uso da cross fertilization, para discutir os avanços de pesquisas em ambas as áreas relacionadas, assim como a construção da imagem desses sujeitos, as espacialidades que ocupam e seus estados de subjetividade ou atribuição social por um “outro”. A origem deste trabalho deve-se a um percurso formativo do autor (teoria, educação e poéticas) na área de Letras, Artes Visuais e Moda, tendo como *corpus* escritores, artistas e teóricos afro-brasileiros. Diante de um levantamento acerca do assunto, percebeu-se a baixa produção de trabalhos voltados para a moda nas demais áreas das Ciências Humanas,

o que causa uma preocupação, vigente nas últimas décadas, especialmente por parte de acadêmicos e estilistas da referida área, ao avaliarem esta ausência crítica, educacional e de pesquisa interdisciplinar. Considerando que a cultura e a literatura nacionais são profundamente influenciadas pelas dinâmicas de poder ocidental, é perceptível a manifestação de resistência por parte de grupos desde os estágios iniciais do processo de colonização do país. Esse movimento de revide estabelece, assim, intrincadas interseções de interesse que se revelam como fundamentais para a abordagem proposta nesta tese. As visualidades que emergem nas narrativas escolhidas não apenas (re)apresentam um imaginário nacional dos brasileiros, mas atualizam as influências históricas e ideológicas por meio dos discursos entrelaçados pelas personagens nas obras em questão. O propósito desta tese reside na compreensão das inter-relações e diálogos entre a literatura afro-brasileira, a moda, a arquitetura, a arte e o pensamento pós-moderno. Isso será alcançado por meio de leituras interconectadas dos elementos textuais contemporâneos provenientes da Teoria da Moda e outras disciplinas mencionadas. Além disso, será investigado como essas linguagens – visual, performática e escrita – se alinham e se integram à teoria literária. Tem-se como objetivos específicos três principais etapas. Primeira etapa: analisar criticamente as estratégias de manipulação estéticas (a imagem do corpo-sujeito posto em relação para com o “outro”, como é visto e como o “eu” busca rearranjar estas articulações no texto), os elementos sociais e históricos representados na narrativa de escritores afro-brasileiros que inserem parte significativa de sua produção no final do século XX e decorrer do XXI (1996-2023), bem como os estados de alma da personagem que são uma construção narrativa em que a escolha das cores e vestimentas nas obras estudadas colaboram para elaborá-los. Por outro lado, a moda pode marcar uma época/tempo e a cor juntamente simbolizar o aspecto social. Deste modo, os elementos estudados, vestimentas e cores, se entrecruzam na elaboração das personagens, tempo e espaço, com destaque para o arquitetônico. Segunda etapa: estabelecer diálogos entre o pensamento pós-moderno e as problemáticas presentes na arte contemporânea brasileira, bem como contextualizar, em uma perspectiva histórica, esses conceitos-chave com teorias literárias, das artes, da moda e da arquitetura, contemplando os acontecimentos e rupturas políticas e étnico-raciais das vanguardas históricas e socioculturais. Terceira etapa: produzir estudos que abordem a tradição da Teoria da moda nas áreas da literatura, da arte e da arquitetura, contextualizando os escritores afro-brasileiros nesse panorama contemporâneo, contribuindo com os debates de visualidades escolhidas que são relacionais à Literatura e enquanto fenômenos sociais e estéticos, investigando as estratégias diretas de atuação desses autores nos campos da crítica e em poéticas. Neste recorte, enquanto problemática que move a investigação, comprehende-se a questão da sub-representação destes corpos-sujeitos na pesquisa e enquanto visualidade. Assim, apresenta-se a análise dos textos literários estudados em convergência com a crítica, de modo a expandir o referencial quanto a poética em discussão. A vestimenta e o espaço arquitetônico são refletidas enquanto texto e mobilização de signos dentro do meio literário, em um desvelamento narrativo e sociocultural. Percebe-se que a repetição de cor/imagem gera um diálogo de análise para o corpus, se apropriando enquanto literatura negra destas imagens, da cor e dos demais elementos visuais no texto enquanto o olhar do sujeito sobre o mundo. As cores como passagem do tempo, memórias e relações entre as personagens. Busca-se refletir o olhar negro, representativo do sujeito pós-moderno em sentido amplo, para a cor, e com quais cores

se pintam a vida. Esta cor aparece relacionada ao espaço objetivo e subjetivamente. Quanto às vestes, questiona-se de que modo as relações sociais se constituem por esse corpo vestido e/ou desrido, bem como na tida pós-modernidade a escrita negra significa uma ruptura de padrões e o surgimento de novas nuances, inserindo nas narrativas aqueles que, por vezes, não puderam estar presentes ou mesmo teorizar sobre moda e arquitetura. Desta maneira, o grupo de escritores e suas respectivas obras que contribuíram para esta pesquisa, advindas de um território literário com peculiaridades e distinções, tiveram-nas selecionadas em listas de escolas, vestibulares e prêmios nos últimos anos, apresentando-se como um destaque subversivo e ainda dialógico no espaço contemporâneo. Nesse contexto, o corpus revela uma riqueza sensível tanto das escritas de si quanto das ficcionalizadas. A interação estabelecida com elementos visuais nas esferas artísticas, com os possíveis diálogos de áreas como a moda e a arquitetura, amplifica a leitura potencial sobre como as representações de estratégias de manipulação, delineadas nesses textos, refletem processos formativos que permeiam a cultura nacional. As análises têm origem em uma descrição objetiva do texto literário, notadamente focada nas cores, espacialidades e vestimentas, mas aspiram atingir a autonomia poética dessas obras. Observa-se uma transsubstancialização desses materiais, destacando o registro íntimo da experiência vestuária, onde o ato de (se) criar torna-se essencial para a narrativa, assim como a estilização e a poética emergem como construtores de sentido. As etapas conduzidas para elaborar esta tese envolveram um levantamento bibliográfico, explorando a interseção entre moda e arquitetura nos escritos literários de autores negros, bem como pela teoria da arte, práticas educacionais e abordagens teórico-críticas. Nesse processo, os eixos teóricos foram adotados como hipóteses fundamentais, guiando uma análise textual embasada nos pressupostos da cor, especialmente apropriada para a investigação de discursos considerados pós-modernos, com uma atenção específica às problemáticas relacionadas a estratégias de manipulação. A estrutura do trabalho foi delineada em duas partes essenciais: uma discussão aprofundada dos textos e autores pertinentes à teoria, com especial ênfase em moda e arquitetura e uma análise das obras literárias. Cada uma dessas partes, já em fase de revisão, contribuiu para a compreensão abrangente e interdisciplinar do papel desempenhado por elementos visuais nas narrativas literárias, formando um arcabouço para a pesquisa proposta. Os conteúdos distribuídos entre os tópicos se flexionarão entre suas temáticas, no entanto, pretende-se organizá-las didaticamente em repartições, de modo a facilitar-lhes a compreensão. Um exemplo são as separações entre cores primárias e neutras, as quais nos fragmentos dos textos aparecem em uma unicidade em alguns momentos, contudo será realizada uma apresentação de acordo com os conteúdos que dominar cada trecho selecionado e facilitar a análise das obras.

## BIBLIOGRAFIA

BARTHES, R. **Sistema da moda**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Edição alemã de R. Tedemann; edição brasileira W. Bolle; colaboração na organização na ed. br. O. C. F. Matos; trad. do alemão I. Aron; trad. do

francês C. P. B. Mourão; revisão técnica P. F. Camargo; posfácios W. Boile e O. C. Matos. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CAETANO, T. **Terra nos cabelos**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

CAETANO, T. **Sobre o fundo azul da infância**. Belo Horizonte: Venas Abiertas, 2020.

CALANCA, D. **História social da moda**. Trad. Renato Ambrosio. São Paulo: Senac SP, 2008.

COUTO MELLO, M. M. (2010). **Modas, arquiteturas e cidades: interfaces, conexões e interferências**. Tese (Doutorado em Arquitetura). Salvador: Universidade Federal da Bahia. Apud: SOUZA, P. M.; CONTI, G. M. A cross fertilization como instrumento gerador de inovação. Rdis - Revista online de la Red Internacional de Investigación en Diseño, v. 2, p. 123-132, 2016.

CRANE, D. **A moda e seu papel social**: classe, gênero e identidade das roupas. Trad. Cristiana Coimbra. São Paulo: Senac SP, 2006.

DIAS, M. M. **Moda divina decadência**: ensaio psicanalítico. São Paulo: Hacker, 1997.

DURAND, J. C. **Moda, luxo e economia**. São Paulo: Babel Cultural, 1988.

ERNER, G. **Sociologia das tendências**. Trad. Julia da Rosa Simões. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

GODART, F. **Sociologia da moda**. Trad. Lea P. Zylberlicht. São Paulo: Senac SP, 2010.

JESUS, C. M. **Meu estranho diário**. (Orgs.) José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

JESUS, C. M. **Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos**. (Org.) Raffaela Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

JESUS, C. M. **O escravo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

KOHLER, C. **História do vestuário**. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAVER, J. **A roupa e a moda: uma história concisa**. Capítulo final (por) Christina Probert. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: A moda e seu destino nas sociedades modernas. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LIPPS, T. “Über die Symbolik unserer Kleidung”, Nord und Süd XXXIII, Breslau e Berlim, 1885, p. 352. Apud. BENJAMIN, W. **Passagens**. Edição alemã de R. Tedemann; edição brasileira W. Bolle; colaboração na organização na ed. br. O. C. F. Matos; trad. do alemão I. Aron; trad. do francês C. P. B. Mourão; revisão técnica P. F. Camargo; posfácios W. Boile e

O. C. Matos. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

MIRANDA, A. P. **Consumo da moda:** a relação pessoa-objeto. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

PROBERT, C. “A era do individualismo”. In: LAVER, James. **A roupa e a moda:** uma história concisa. Trad. Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SALOMON, G. T. **Moda e literatura:** reflexões sobre o estado da arte. On-line: Dobras, 2020.

SANT’ANNA, M. R. **Teoria de moda:** sociedade, imagem e consumo. Barueri, SP: Estação das Letras, 2007.

SOUZA, G. de M. **O espírito das roupas:** A moda do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, P. M. **Moda e Arquitetura:** relações que delineiam espaços habitáveis. Dobras (Barueri, SP), v. 7, p. 87-96, 2014.

SOUZA, P. M.; CONTI, G. M. **A cross fertilization como instrumento gerador de inovação.** Rdis - Revista online de la Red Internacional de Investigación en Diseño, v. 2, p. 123-132, 2016.

SVENDSEN, L. **Moda uma filosofia.** Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

TENORIO, J. **O beijo na parede.** Porto Alegre: Sulina, 2020.

TENORIO, J. **Estela sem Deus.** Porto Alegre: Zouk, 2018.

TENORIO, J. **O avesso da pele.** Porto Alegre: Companhia das Letras, 2020.

VIEIRA JUNIOR, I. **Torto Arado.** São Paulo: Todavia, 2019.

VIEIRA JUNIOR, I. **Doramar ou a Odisseia.** São Paulo: Todavia, 2021.

## BAHIA DE TODOS OS SANTOS: ASPECTOS DECOLONIAIS EM ROMANCES AFRO-BRASILEIROS

Frederico Henrique Faustino (Doutorado)

Maria Carolina de Godoy (Orientadora)

3º Semestre – Previsão de defesa Fevereiro de 2027

O projeto de pesquisa em andamento visa analisar obras da literatura afro-brasileira com o objetivo de observar de que modo a religiosidade de matriz africana, presente nas obras que compõem o *corpus* desse trabalho, se caracteriza como uma marca decolonial que configura uma das tendências da produção literária contemporânea feita por escritoras e escritores afrodescendentes. De acordo com o professor Eduardo de Assis Barbosa (2011), a partir da segunda metade do século XX e as primeiras décadas do século XXI, a produção literária de autores e autoras afrodescendentes passa a ocupar um lugar de destaque na cena cultural brasileira e, ao mesmo tempo, esse fato impõe aos críticos e acadêmicos um novo desafio, qual seja o de abrir espaço de discussão e buscar um referencial teórico-crítico para refletir e analisar esses escritos. Nesse sentido, a pesquisa se justifica como tentativa de investigar de que maneira a religiosidade de matriz africana, sobretudo a presença dos orixás do panteão jeje-nagô, configura-se como um traço marcante da produção desses autores (as), bem como a maneira como essa ancestralidade contribui para a formação da identidade cultural dos sujeitos afrodiáspóricos que se apresentam como protagonistas dessas narrativas. O ponto de partida desse trabalho é a publicação do romance *Um defeito de cor* (2006), de Ana Maria Gonçalves, que servirá como marco, no âmbito do trabalho, pelo modo como a representação dos orixás funciona na obra da escritora mineira. A obra apresenta da narrativa epistolar de Kehinde/Luísa que conta, para seu filho perdido, sua trajetória marcada pela escravidão, violência e morte. História na qual se misturam ao cotidiano da protagonista acontecimentos históricos importantes para a formação do povo brasileiro. Como argumenta Jean-Yves Mérian, “neste romance histórico de 950 páginas, a escritora abrange a quase totalidade do século XIX no Brasil e na costa ocidental da África” (MÉRIAN, 2008: 59). Em sua trajetória, Kehinde é atravessada pela religiosidade de matriz africana, os voduns herdados de sua avó e os orixás que ela reconhece na Bahia. Essa presença das divindades africanas trazidas pelos africanos marca a vida da protagonista e funciona como um fator central na narrativa, surgindo em momentos cruciais e marcando a luta da personagem por liberdade, contra o racismo e as estruturas coloniais que estruturaram, ainda hoje, a sociedade brasileira. Além disso, o elemento religioso ilustra, no caso de Kehinde/Luísa, o processo de hibridação presente na formação identitária dos afrodescendentes. No processo da diáspora, Kehinde é aculturada, assume uma outra identidade, como Luísa, mas sem deixar de carregar consigo a sua ancestralidade africana. Essa ancestralidade funciona na obra como um caráter decolonial, já que é esse fator que faz com que Kehinde não se submeta ao colonialismo e transforme o seu destino tornando-se uma figura emblemática na luta pela abolição. Essa obra, considerada como um romance de fundação, ao revisitar a formação da nossa sociedade a partir da perspectiva dos afrodescendentes, tendo como protagonista uma mulher negra; torna-se um marco na produção dos autores afrodescendentes e servirá nessa tese como marco para a delimitação do *corpus* a ser pesquisado. Contudo, é importante ressaltar a contribuição de alguns antecessores no tocante ao uso da religiosidade de matriz africana da forma como ela será abordada nesse trabalho, isto é, a representação das divindades africanas como um fator decolonial na literatura afro-brasileira. As leituras, para a elaboração da primeira versão do projeto de pesquisa original, contemplam, como antecessores nesse viés, autores como Abdias do Nascimento, Jorge Amado, Mestre Didi e Mãe Beata de Yemonjá. Portanto, é possível traçar uma linhagem de escritores (as) nos quais esse fator afrorreligioso se faz presente

configurando um aspecto preponderante na formação identitária dos afrodescendentes. No entanto, as obras desses antecessores, por diversas circunstâncias – ligadas ao contexto de produção, ao estilo de época ou ao projeto literário de cada um dos autores (as) – apresentam ora uma influência marcante do colonialismo, como é o caso de *Sortilégio* (1951) de Abdias do Nascimento, ou representam as tensões próprias do contexto pós-colonial, como é o caso da produção de Jorge Amado em obras como *O compadre de Ogun* (1964), *Tenda dos Milagres* (1969) e *O Sumiço da Santa* (1988). A partir disso e tendo em vista o crescimento significativo na produção de autores negros e negras cujas obras também abordam esse elemento religioso – como é o caso de Conceição Evaristo, Itamar Vieira Júnior, Cidinha da Silva e da própria Ana Maria Gonçalves – o *corpus* dessa pesquisa foi pensado a partir da publicação de *Um defeito de cor* (2006) incluindo também *O trono da rainha Jinga* (1999), de Alberto Mussa, *Alzira está morta* (2015), de Goli Guerreiro, *Água de Barrella* (2016), de Eliana Alves Cruz e *As lendas de Dandara* (2021) de Jarid Arraes. A obra de Ana Maria Gonçalves serve, no escopo dessa pesquisa, de baliza por abordar alguns aspectos presentes nas demais obras e que de maneira contundente caracterizam a produção afrobrasileira de forma geral e que tem pontos de contato com os estudos contemporâneos sobre as relações étnico-raciais no Brasil. Por um lado, o caráter metaficcional da narrativa propõe uma revisão da nossa história ao mostrar o processo da escravidão e da luta pela abolição de uma perspectiva particular, a da protagonista, que é associada a Luísa Mahín, envolvida na Revolta dos Malês (1835), ocorrida em Salvador. Esse momento histórico é revisitado não pelas fontes oficiais, mas pela perspectiva da narradora. Por outro lado, a representação das divindades afro-brasileiras, assume nessas obras um papel relevante na constituição da constituição da identidade afrodiáspórica dos protagonistas tornando-se, dessa forma, um traço decolonial da literatura afro-brasileira. Ao assumir a sua ancestralidade e colocar em xeque a narrativa hegemônica sobre a participação dos negros na formação da nossa sociedade, essas personagens tornam-se protagonistas de suas histórias e as suas narrativas atingem um ponto de virada decolonial na literatura brasileira. Dessa forma, pretendemos demonstrar que a produção de autoras e autores afro-brasileiros é o viés que melhor corresponde ao conceito de decolonialidade na literatura brasileira contemporânea, sendo a nossa hipótese de pesquisa que a ancestralidade, isto é, a religiosidade de matriz africana, através da presença dos orixás e voduns configura-se num traço marcante desse caráter decolonial. No que diz respeito ao embasamento teórico-crítico que servirá de suporte para nossa análise partimos do conceito de colonialidade desenvolvido por Quijano (2005), Walter Mignolo (2017; 2020); sobre o contexto colonial e pós-colonial tomaremos como base as ideias desenvolvidas por Edward Said (1990) e Thomas Bonnici (1998; 2012). No tocante ao contexto da diáspora, no que diz respeito aos deslocamentos dos africanos e dos significados que essa existência em trânsito cria na experiência dos afrodescendentes nos basearemos na filosofia de Achille Mbembe (2014; 2018), nos postulados de Frantz Fanon (1961; 2008), Kilomba (2019) e Sodré (2017). Sobre o processo de diáspora, as trocas culturais no contexto diaspórico e a formação dos afrodescendentes nosso ponto de partida é a obra de Stuart Hall (2011; 2013; 2016), bem como as contribuições de Bhabha (1998), Rita Segato (2021), Paul Gilroy (2001), Glissant (2005) e Goli Guerreiro (2010). Sobre o candomblé, a mitologia dos orixás e as bases da ontologia afro-brasileira presentes nas obras nos valeremos das contribuições de Verger (2012), Prandi (2001), Bastide (1971), Santos (2012) e Parés (2018). Para a contextualização no tocante a produção literária dos afrodescendentes nos valeremos das considerações críticas de Evaristo (2009), Rabassa (1965), Schwarcz (1993) e Duarte (2011). Com base no referencial teórico-crítico acima citado pretendemos demonstrar que as narrativas que compõem o *corpus* dessa pesquisa apresentam aspectos decoloniais a partir da representação da religiosidade de matriz africana, sobretudo a presença ou a manifestação dos orixás, que funciona como uma virada decolonial na trajetória dos protagonistas negros e

negras que lutam contra o colonialismo ainda presente nas nossas estruturas sociais. Ao assumirem a sua ancestralidade, esses sujeitos tornam-se conscientes da sua história e do seu papel na formação do Brasil e passam a questionar a colonialidade que se manifesta pelo racismo, a desigualdade e injustiças sociais e pela violência sofrida diariamente pelos afrodescendentes no nosso país. Dessa forma, a produção literária de autoras e autores negros (as) busca através de criação ficcional oferecer uma versão da nossa história diferente da versão hegemônica, na qual os negros foram desumanizados, inferiorizados ou invisibilizados.

## BIBLIOGRAFIA:

- ARRAES, Jarid. *As lendas de Dandara*. Ilustração Ariane Queiroz. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2021.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilização. Trad. Maria Eloisa Capellato e Olívia Krähenbuhl. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli & Cia, 1971.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BONNICI, Thomas. “Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais”. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. 2<sup>a</sup> ed. Maringá: Eduem, 2012.
- CRUZ, Eliana Alves. *Água de barrela*. Brasília, DF: Fundação Cultural Palmares, 2016.
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Por um conceito de literatura afro-brasileira”. In: DUARTE, E. A. e FONSECA, M. N. S. (Org.) *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 4: História, teoria, polêmica.
- EVARISTO, Conceição. “Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade”. *SCRIPITA*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25. p. 17-31, 2º sem. 2009.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Serafim Ferreira. Lisboa: Editora Ulisseia, 1961.
- \_\_\_\_\_. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GUERREIRO, Goli. *Terceira diáspora*: culturas negras no mundo atlântico. Salvador: Corrupio, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Terceira diáspora*: o porto da Bahia. Salvador: Corrupio, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Alzira está morta*: ficção histórica no mundo negro do atlântico. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2015.
- GILROY, Paul. *Atlântico negro*: modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e representação*. Arthur Ituassu (org.). Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (org.); Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução Marta Lança. 1<sup>a</sup> ed. Lisboa: Antígona, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MÉRIAN, Jean-Yves. “O negro na literatura brasileira versus um literatura afro-brasileira: mito e literatura”. NAVEGAÇÕES, v.1, n.1, p. 50-60, março 2008.
- MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. 1. ed. rev. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.
- \_\_\_\_\_. “Colonialidade: o lado escuro da modernidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais”. Vol. 32. Nº 94 junho/2017. p. 1-18.
- PARÉS, Luís Nicolau. *A formação do Candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*. 3<sup>a</sup>ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. 1<sup>a</sup> ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, 2005.
- RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira: meio século de história literária*. Trad. Ana Maria Martins. Rio de janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nàgôs e a morte. Pàde, Àsètà e o culto Égun na Bahia*. 14<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. 1<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. 1<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- VERGER, Pierre Fatumbi. *Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África*. Trad. Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

# AS REPRESENTAÇÕES DA PATERNIDADE EM ROMANCES CONTEMPORÂNEOS BRASILEIROS

25

Lucélia Canassa - Doutorado  
Maria Carolina de Godoy  
8º semestre/2026

O presente projeto pretende trazer uma reflexão sobre as representações da paternidade a partir dos estudos das masculinidades em romances brasileiros contemporâneos, mais especificamente, em publicações de 2012 a 2023. Certos da impossibilidade de averiguar todas as obras publicadas nesses anos, as publicações exploradas serão aquelas em que o tema citado possua relevância e proporcione a possibilidade de identificar a questão da paternidade como parte central para o desenvolvimento do enredo e das personagens. Como suporte teórico dos estudos das masculinidades, estão previstos os estudos de Almeida (1996), Badinter (1986), Boechat (1997), Bourdieu (2005), Baubérot (2013), Cecchetto (2004), Connell (1995), Del Priore (2013), Goldenberg (2000), Kimmel (1987), Welzer-Lang (2004), hooks (2022), Malvins E. Muszkat (2018), Jablonka (2021). Pensando nas mudanças em relação à configuração familiar e os avanços dos estudos de gênero, essa pesquisa propõe a seguinte questão: como se configura a representação da paternidade nos romances brasileiros contemporâneos? Além das figuras paternas já conhecidas – o pai distante, o pai autoritário, o pai errante, o pai ferido –, que outras categorias/figuras/representações as publicações mais recentes podem nos trazer? No que se refere ao recorte temporal, consideramos especialmente profícua as expressões da literatura brasileira contemporânea no que se refere às representações que colocam em evidência os conflitos do homem, assim como as crises familiares. Como a desestruturação da família burguesa afeta os caminhos de produção artística? Se esse modelo familiar, tantas vezes reproduzidos em romances brasileiros, entra em decadência, como passam a ser representadas as dinâmicas sociais? Pretendemos também, no desenvolvimento do trabalho, trazer a discussão da contemporaneidade, principalmente em relação à literatura. Jaime Ginzburg, no artigo “O narrador na literatura brasileira contemporânea”, a partir de alguns autores que publicam após 1960, fala sobre o afastamento de uma “tradição brasileira, no interior da qual é necessária uma presença (como personagem ou narrador) que corresponde, no todo ou em parte, aos valores da cultura patriarcal” (2012). De forma muito clara, o pesquisador expõe que “poderíamos avaliar a contemporaneidade como um período em que parte da produção literária decidiu confrontar com vigor tradições conservadoras no país, em favor de perspectivas renovadoras” (2012). Nesse sentido, quais romances dentro do recorte temporal citado possibilitam esse confronto? Como tema e forma se relacionam? Ginzburg parece iluminar um caminho quando expõe que “entendendo que o deslocamento com relação aos princípios tradicionais de autoridade social, que estruturaram o patriarcado, é um movimento de escolha de temas, questões, e também de construção formal, em suma, de elaboração de linguagem”. Em um confronto com a tradição e a historiografia literária, quais as mudanças reconhecíveis relacionadas ao nosso recorte? A partir dessa discussão, a compreensão das representações recentes se torna mais produtiva. Em relação ao nosso cronograma de execução do projeto, nos dedicamos, nesse primeiro momento, às leituras e releituras dos romances que estavam em nosso radar com o objetivo de construir um panorama e identificar as diferentes representações de paternidade, buscando, como já

exposto, a construção do *corpus* da pesquisa. Isto é, devido a proporção do trabalho e a necessidade de um recorte condizente, realizamos a pré análise de algumas obras com a atenção para aquilo que será relevante para a tese. Alguns romances se tornaram artigos, como *A pequena coreografia do Adeus*, de Aline Bei, e outros firmaram o seu lugar no *corpus* deste trabalho: os três romances de Jeferson Tenório, e os três de Carla Madeira. Em Jeferson Tenório, há duas publicações anteriores ao livro premiado em 2020, *O avesso da pele*: uma de 2013, intitulada *O beijo na parede*; e outra de 2018, *Estela sem Deus*. No enfrentamento dos dois primeiros romances, sistematizamos as semelhanças – que vão desde as temáticas, como os conflitos familiares, até as escolhas formais, como o foco narrativo em primeira pessoa – e foi possível enxergar um caminho evolutivo na representação da paternidade na obra de Tenório. Nos dois romances citados, as figuras paternas aparecem de forma pontual na narrativa, isto é, os protagonistas convivem muito pouco com os pais. Não é deles que a força vem, é o afeto materno que os seguram, mesmo quando as suas mães já não estão lá ou não exercem perfeitamente bem as ações de cuidado – no romance de 2013, a mãe de João morre, mas as lembranças permanecem; já no de 2018, a mãe de Estela se distancia, mas acredita que, em outro Estado, os filhos terão mais oportunidades. Ainda assim, a influência da ausência paterna aparece em toda a narrativa: há, por exemplo, tentativas de encontrar a figura paterna em outras pessoas que não os seus genitores, e há um vazio com o qual eles precisam aprender a lidar. Não há, dessa forma, a representação de uma paternidade que rompe com estereótipos. Já em *O Avesso da Pele*, a representação paterna está presente e também há semelhanças com os dois romances anteriores. Das diferenças, além do foco narrativo – é usada a segunda pessoa quando o narrador fala do pai, a primeira quando fala de si e a terceira quando fala da mãe – a diferença mais proeminente está na complexa relação de pai e filho. Henrique, o pai, não se enquadraria na representação de pai ausente nem autoritário. Podemos pensar em um pai em transição que, diante de muitos erros, tenta acertar. A personagem parece, então, delineiar uma ruptura com o paradigma da masculinidade do modelo patriarcal. O objetivo é continuar o desenvolvimento da análise até chegar na relação complexa citada. Os romances de Carla Madeira, *Tudo é Rio* (2014), *A natureza da mordida* (2018) e *Véspera* (2021), possuem representações multifacetadas de paternidade, com pequenas e grandes tragédias. Há a exploração tanto de aspectos positivos quanto os desafios e conflitos inerentes ao papel de pai: ausência e presença, autoridade e proteção, falhas e acertos, responsabilidade e influência, expectativas sociais e dinâmicas familiares. São representações complexas que transitam entre a ruptura e a reprodução patriarcal. Pretendemos contextualizar a obra da autora e analisar apenas um dos romances de forma mais profunda – ainda não determinado. O diálogo com a crítica literária e a recepção das obras citadas se apresentarão ao longo das análises. Na construção desse panorama, afunilando as obras a partir de análises prévias, foi possível, também, sistematizar outras temáticas que se repetem para além da paternidade. Em vista disso, além dos estudos das masculinidades, há outros campos teóricos que pretendemos agregar à pesquisa, relacionados, principalmente, à memória e à infância. Para esse suporte argumentativo, ainda estamos na fase das leituras de inspeção para, em seguida, definir as teorias que estão em consonância com os objetos literários.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Miguel Vale. **Senhores de si:** uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- BADINTER, Elisabeth. **Um é o outro:** relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BADINTER, Elisabeth. **XY:** sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História da virilidade.** vol. 3: a virilidade em crise?. Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BEI, Aline. **Pequena coreografia do adeus.** São Paulo: Companhia das Letras, 2021
- BOECHAT, Walter (org.).**O masculino em questão.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CONNELL, Raewyn. **Masculinities.** Berkeley: University of California Press, 1995.
- CONNELL, R. W. & MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica:** repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1): 241-282, jan.- abr. 2013.
- DEL PRIORE, Mary & AMANTINO, Marcia. (Orgs.). **História dos homens no Brasil.** São Paulo: Editora UNESP, 2013.
- GINZBURG, Jaime. O narrador na literatura brasileira. **Tintas.** Quaderni di letterature iberiche e iberoamericane, 2 (2012), pp. 199-221. issn: 2240-5437.
- GOLDENBERG, Mirian. **O macho em crise:** um tema em debate dentro e fora da academia. In: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **Os novos desejos:** das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HOOKS, bell. **A Gente é da Hora:** Homens Negros e Masculinidade. São Paulo: Editora Elefante, 2022.
- JABLONKA, Ivan. **Homens justos:** do patriarcado às novas masculinidades. São Paulo: Todavia, 2021.
- KIMMEL, M. **Changing men:** new directions in research on men and masculinities. Thousand Oaks: Sage, 1987.
- MADEIRA, Carla. **A natureza da mordida.** Rio de Janeiro: Record, 2022.

MADEIRA, Carla. **Tudo é rio**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

MADEIRA, Carla. **Véspera**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

MUSZKAT, Malvina E. **O homem subjugado**: O dilema das masculinidades no mundo contemporâneo. São Paulo: Summus Editorial, 2018.

TENÓRIO, Jeferson. **Estela sem Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

TENÓRIO, Jeferson. **O beijo na parede**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

WELZER-LANG, D. **Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo**. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004

## CONTOS INSÓLITOS, DENÚNCIAS REAIS: DA MATERNIDADE À MONSTRUOSIDADE EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS DE AUTORIA FEMININA

Julia D'Auria Antuniassi (Mestrado)  
Claudia Cristina Ferreira (Orientadora)  
3º Semestre - Previsão de defesa: dez/2024

Os estudos relativos ao insólito têm se intensificado cada vez mais, especialmente na seara das narrativas contísticas. Sabe-se que o fantástico suscita no leitor diversas sensações como inquietação, medo, hesitação, estranhamento e nos faz refletir sobre temas caros à nossa realidade, tais como violência, machismo, racismo, feminicídio e questões de gênero, entre outros. O insólito pode ser, portanto, inserido como pano de fundo para críticas e denúncias sociais. Neste sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a representação dos tabus relacionados à maternidade em contos contemporâneos de autoria feminina e que estão inseridos na esfera do insólito, especificamente do horror. As narrativas selecionadas totalizam quatro, a saber: *A devoradora*, de Juliana Cunha (2022); *Conervas*, de Samantha Schweblin (2022); *Desova*, de Sinara Foss (2023) e *Menorreia*, de Bora Chung (2024). A temática que permeia este trabalho está intimamente associada à questão dos medos, do preconceito, da culpa e das diferentes violências que as mulheres grávidas sofrem – questões destacadas nas narrativas selecionadas para o *corpus* desta pesquisa. Além disso, há um recorte relacionado ao protagonismo feminino, tanto autoral quanto ficcional, possibilitando assim que as mulheres enfrentem horrores reais em ambientes controlados, ou seja, a partir da escrita de ficção. De forma a alcançar o objetivo citado anteriormente, realizou-se um levantamento teórico basilar para que fosse possível construir uma fundamentação teórica pertinente aos estudos do insólito ficcional, do horror na literatura e sobre as contribuições dos estudos de gênero e autoria feminina. Logo, no primeiro capítulo, será traçado um percurso teórico a respeito do insólito ficcional. Apesar de o *corpus* se concentrar em narrativas contemporâneas, é necessário voltar às origens teóricas da literatura fantástica, trazendo à tona autores que se propuseram a fundamentar o fantástico tradicional, como o escritor francês Charles Nodier (1961) e o linguista búlgaro Tzvetan Todorov (1975). Ao longo do tempo, a literatura fantástica passou a ser estudada enquanto modo narrativo e, para isso, autores como Irène Bessière (2012) e Remo Ceserani (2006) são essenciais para dar continuidade a esse percurso. Por fim, são pertinentes os estudos mais recentes sobre as renovações do fantástico na contemporaneidade, a partir dos olhares do professor e crítico literário espanhol David Roas (2014) e do escritor e crítico argentino Jaime Alazraki (2001). No segundo capítulo, busca-se realizar um levantamento teórico a respeito do horror na literatura, tendo como base os estudos de Noëll Carroll (1999), principal precursor teórico dos estudos sobre o horror, e as pesquisas de Julio França (2008) e Oscar Nestarez (2022), estudiosos brasileiros que se debruçam sobre a análise da literatura de horror no Brasil. Este viés se torna imprescindível para a presente pesquisa, pois há um fio condutor que entrelaça os contos selecionados, ou seja, elementos monstruosos que evocam, no leitor, desconforto e inquietação. O terceiro capítulo contará com as contribuições dos estudos de gênero e autoria feminina pelo olhar de três estudiosas da área: Elaine Showalter (1994), Joan Scott (2019) e

Lúcia Osana Zolin (2010). Sabe-se que a escrita de autoria feminina tem uma história marcada por lutas e conquistas significativas. Ainda hoje, escritoras mulheres se veem na posição de superar barreiras sociais e culturais para expressar suas vozes e experiências por meio da literatura. Além disso, é válido ressaltar que os estudos de gênero têm desempenhado um papel essencial na crítica literária a partir de uma perspectiva feminista, desafiando as normas de gênero tradicionais e revisando o cânone literário. Estes são os principais interlocutores teóricos. No entanto, outras fontes poderão ser investigadas para contribuir com a proposta. O quarto e último capítulo será reservado para a análise das narrativas contísticas selecionadas, que trazem para a discussão um duplo protagonismo feminino, autoral e ficcional. Dessa forma, há uma leitura enriquecedora da mulher representada em diversos prismas e cenários que dialogam com o presente momento de mudanças socioculturais e dos papéis atribuídos à figura feminina na sociedade, na medida em que as representações podem ser ressignificadas ao longo do tempo. Os procedimentos metodológicos desta pesquisa contemplarão o aprofundamento teórico dos autores supracitados, a justificativa da escolha dos contos e, por fim, a análise da representação dos tabus relacionados à maternidade em contos insólitos contemporâneos. O primeiro conto, *A devoradora* (Juliana Cunha, 2022), gira em torno de Daniela, uma jovem que se depara com uma gravidez indesejada e precisa lutar contra o sentimento de culpa e com o medo da punição divina. Em seu ventre, cresce uma criatura grotesca e disforme, causando medo, vergonha e asco na protagonista. No segundo conto, *Conservas* (Samantha Schweblin, 2022), uma jovem descobre que está grávida, mas se sente culpada por ter que renunciar seus projetos pessoais e profissionais. Ela e seu marido desejam a filha, mas em outro momento da vida. Para isso, recorrem a um médico que sugere um tratamento inovador: fazer com que a mãe alcance a energia invertida, para reduzir o feto ao tamanho de uma amêndoia e guardá-lo em um pote de conserva. O terceiro conto, *Desova* (Sinara Foss, 2023), trata de uma mulher, já com idade avançada, que se sente inútil e culpada por não conseguir dar um filho ao marido, após alguns abortos espontâneos. No banheiro, ela vê uma aranha marrom que parece reprimí-la. A mulher, então, mata a aranha, porém mais tarde, começa a sentir um ser caminhando dentro dela. A aranha se abriga em seu útero e a mulher sente os “embriovos” serem depositados. Assim, ela e a aranha se fundem em uma só criatura. No quarto e último conto, *Menorreia* (Bora Shung, 2024), a protagonista faz um tratamento para regular seu ciclo menstrual e depois de 6 meses engravidada de forma misteriosa. Ela precisa encontrar um pai para o bebê, para que ele cresça saudável em seu útero e sem deformações. Quando a bolsa estoura, ela dá à luz a uma criatura gelatinosa, densa, disforme e com cor de sangue. A criatura se desmancha e a mulher chora, mas não sabe dizer se é de alívio ou tristeza por ter perdido o filho. Em um primeiro momento, nota-se que o sentimento de culpa se faz presente nas quatro narrativas, mas por motivos diferentes. Há a culpa religiosa, a culpa por priorizar vida profissional ao invés da maternidade, por não conseguir engravidar e por não ser capaz de encontrar um pai para seu filho. Por fim, espera-se, com este estudo, evidenciar de que forma os tabus relacionados à maternidade estão refletidos na esfera literária do insólito, uma vez que este é um recurso amplamente utilizado para lançar luz sobre as questões sociais que devem ser debatidas e solucionadas. Espera-se, também, a contribuição para pesquisas crítico-literárias voltadas ao âmbito do insólito na literatura.

## BIBLIOGRAFIA

- ALAZRAKI, Jaime. ¿Qué es lo Neofantástico? In: ROAS, David (Org.) *Teorías de lo fantástico*. Madrid: Arco/Libros, 2001. p. 265 – 282.
- BESSIÈRE, Irène. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 9, dezembro de 2012.
- CARROLL, Noël. *A filosofia do horror ou Paradoxo do coração*. Campinas: Papirus, 1999.
- CESERANI, Remo. *O fantástico*. Tradução de Nilton C. Tridapalli. Curitiba: UFPR, 2006.
- CHUNG, Bora. *Coelho Maldito*. São Paulo: Alfaguara, 2024.
- CUNHA, Juliana. A devoradora. *Notívagas*. Novo Hamburgo/RS: O Grifo, 2022. p. 11-18.
- FOSS, Sinara. *Fotossíntese e outros processos de sobrevivência*. Porto Alegre: Gog / Bestiário, 2023.
- FRANÇA, Júlio. O horror na ficção literária: reflexão sobre o “horrível” como uma categoria estética. XI Congresso Internacional da ABRALIC. Tessituras, Interações, Convergências. *Anais*. São Paulo, 2008.
- FRANÇA, Júlio; NESTAREZ, Oscar (Org.). *Tênebra: narrativas brasileiras de horror (1839-1899)*. São Paulo: Fósforo, 2022.
- NESTAREZ, Oscar. *Uma história da literatura de horror no Brasil*: autorias e fundamentos. 2022. 198p. Tese (Doutorado em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- NODIER, Charles. *Histoire d'Hélène Gillet*. Contes. Paris: Garnier, 1961.
- ROAS, David. *A ameaça do fantástico*: aproximações teóricas. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- SCHWEBLIN, Samantha. *Pássaros na boca e Sete casas vazias*: contos reunidos. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista*: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 49-83
- SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. Tradução Deise Amaral. In: HOLLANDA, H. B. (org.). *Tendências e impasses*: O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 23-57.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Trad. de Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- ZOLIN, Lucia Osana; BONNICI, Thomas. *Teoria Literária*: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2010.

# A PIETÁ NA AUSÊNCIA DO CORPO: UM ESTUDO DE *REBENTAR*, DE RAFAEL GALLO

32

Fernanda Aparecida de Freitas (Mestranda)

Dr. Alamir Aquino Corrêa (Orientador)

3º semestre. Previsão de defesa: 02/2025

A concretização da morte, realizada por meio dos rituais fúnebres, é um passo importante para o processo do luto e, quando impossibilitada, gera ansiedade nos familiares. Este é o dilema vivenciado por Ângela, protagonista da obra *Rebentar*, do escritor paulista Rafael Gallo, publicada 2015 e relançada em 2023, pela editora Record. No romance, Ângela passa 30 anos à procura do filho que desapareceu aos 5 anos de idade, em uma galeria de lojas. A angústia da personagem é justamente a dúvida suscitada pelo desaparecimento. O filho não retorna, não se sabe se está vivo ou morto, e a sua ausência permanece uma constante, impedindo-a de concretizar o luto e de dar continuidade aos seus projetos de vida. Após 30 anos à espera do filho, Ângela decide encerrar as buscas e enfrentar a sua perda como algo definitivo, mas para isso precisa refazer a sua vida, antes centrada na possibilidade de retorno. Tendo vivido uma vida definida pela tragédia, Ângela percebe a dificuldade de se desvincular das esperanças de um retorno para o filho e, sobretudo, de suas expectativas em relação a ele. A jornada emocional de Ângela é tratada no romance como uma revisão de sua relação com o filho perdido e com as circunstâncias da perda, mediante as buscas constantes e resultados frustrados, bem como uma compreensão de sua própria identidade, no processo de se reconstruir sem o filho, tentando se enxergar como sujeito e mãe. Na condição de desaparecimento, não há um processo de desligamento do objeto amado, como ocorre na morte, dificultando o processo de luto descrito por Freud (1917; 2004) em que ocorre um investimento emocional nas lembranças e expectativas do objeto amado até que gradualmente se conclua o processo de luto. Excepcionalmente, estamos diante do luto patológico, que Freud (1917; 2004) diferencia do luto normal, por ser prolongado e prejudicial. O luto é um processo que exige um dispêndio de energia do sujeito e requer uma revisão dos vínculos mantidos com o objeto que não mais existe. Bowlby (1980; 2008), ao tratar do apego e da perda na vida adulta, mostra que as respostas são similares àquelas observadas nas crianças: há o choque da perda, levando ao entorpecimento e desconexão com a realidade, o anseio e a busca pela figura de apego, desorganização e desespero e, por fim, reorganização e recuperação. Worden (1982; 2013) afirma que o luto é influenciado pela natureza do vínculo e da perda. Assim, a perda é agravada em virtude do vínculo estabelecido com o filho e a circunstância do desaparecimento, que não permite um encerramento. Rando (1986) explica que a perda de um filho destrói esperanças futuras, afetando a autoestima dos pais e principalmente da mãe, em virtude das expectativas sociais envolvidas nesta relação, conforme Badinter (1985) ao discutir o mito do amor materno, exacerbando o luto da mãe. Boss (1999) descreve o luto incerto ou ambíguo, causado por desaparecimentos sem confirmação da morte, prolongando a dor da perda. Estudos como os de Klauss, Silverman e Nickman (2014) indicam que o luto não é linear e pode não se encerrar completamente, como ocorre com a personagem. Perdas súbitas e violentas, especialmente de um filho, são devastadoras e tem consequências para a qualidade de vida dos sujeitos, que não conseguem

se reintegrar no mundo. Considerando a riqueza das discussões propiciadas pela obra de Rafael Gallo, proponho estudar o romance, tendo como foco principal a relação de Angela com seu filho ausente. A estrutura da dissertação prevê a composição de 5 capítulos: Inicialmente, apresento o escritor e a sua obra, destacando a importância da provocação emotiva presente como uma experiência estética no romance. Pauto a discussão nas teorias do trauma de Caruth (1995) e em estudos sobre o personagem e o romance em Cândido (1976), Leite (1997) e Rosenfeld (1976). No segundo capítulo, analiso a experiência da personagem na busca pelo corpo do filho desaparecido, demonstrando a importância dos rituais para a concretização da morte e o trauma decorrente desta ausência, resultando em formas de luto patológicas, como o luto complicado, o luto adiado e o luto ambíguo, que prolongam o sofrimento de Ângela. Para a compreensão das mortes e seus rituais, uso dos estudos de Genepp (1909; 2012) e Ariès (1975; 2003), enquanto que o luto é tratado a partir de Freud (1917; 2004), Boss (1999) e Worden (2013). No terceiro capítulo, haverá a discussão do luto da mãe, a partir das expectativas sociais sobre o luto parental materno, agravado pelo vínculo estabelecido com o filho, com base em Badinter (1985) e Rando (1986). No quarto capítulo, será discutida a problemática lacaniana do luto de Ângela, imposta pela ausência de seu filho, com o qual não pode se relacionar diretamente e onde se constrói um diálogo impossível entre a mãe e o ausente. Diante do desaparecimento de seu filho, Ângela tem que empreender o esforço do exercício ficcional do filho, simulando sua presença por meio de memórias e projeções. Ao longo da narrativa, Ângela tem que reconstruir o seu Eu na ausência de seu filho, o que é particularmente difícil, em virtude do tempo investido no filho. Neste capítulo, também haverá o suporte de Souza e Pontes (2016) e de Dunker (2019). Ao fim, no quinto capítulo, abordarei a dificuldade de Ângela para perceber a passagem do tempo diante da possibilidade de reencontrar o filho. Um aspecto muito particular do luto é que o enlutado permanece aprisionado na sua própria tragédia, incapaz de se projetar adiante. Assim, Ângela só consegue perceber o seu filho enquanto a criança com quem conviveu durante 5 anos, incapaz de imaginá-lo no futuro. Necessário, portanto, investigar a relação de Ângela com o tempo, diante do conflito temporal na vivência do luto e a recusa da continuidade do tempo, com base nos estudos de Fuchs (2018) e Kehl (2009). Outro aspecto a abordar é a questão ética para com o desaparecido que só pode existir, em virtude da ausência, por intermédio das idealizações de outros. Neste sentido, uma compreensão da ética do luto é necessária, a partir da obra de Spargo (2004).

## BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BOSS, Pauline. *Ambiguous loss: Learning to live with unresolved grief*. London: Harvard University Press, 1999.

BOWLBY, John. *Loss-Sadness and Depression: Attachment and Loss*. Vol. 3. New York: Random House, 2008.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. IN: CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 53-80.

CARUTH, Cathy. *Trauma: Explorations in Memory*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Teoria do luto em psicanálise. *Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental*, Curitiba, v. 8, n. 2, 2019. p. 28-42.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: *Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente*, vol I. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 99-122.

FUCHS, Thomas. Presence in absence. The ambiguous phenomenology of grief. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, Oxford, v. 17, n. 1, p. 43-63, 2018.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 2012.

KLASS, Dennis; SILVERMAN, Phyllis R.; NICKMAN, Steven. *Continuing bonds: New understandings of grief*. London: Taylor & Francis, 2014.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. São Paulo: Ática, 1997.

RANDO, Therese. *Parental Loss of a Child*. Champaign: Research Press, 1986.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. IN: CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 11-49.

SOUZA, Andressa Mayara Silva; PONTES, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. *Analytica: Revista de Psicanálise*, São João del Rei, v. 5, n. 9, p. 66-85, 2016.

SPARGO, R. Clifton. *The ethics of mourning: Grief and responsibility in elegiac literature*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2004.

WORDEN, William. *Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental*. São Paulo: Roca, 2013.

## CAMILO PESSANHA E EUGÉNIO DE CASTRO EM BUSCA DA ANDROGINIA ANIMA-ANIMUS PRIMORDIAL

35

Felipe Frasson Fusco (Doutorando)  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Telma Maciel da Silva (Orientadora)  
3º Semestre. Previsão de defesa: fev/2026

Após a indicação de nosso trabalho no Mestrado para Doutorado direto e respectiva aprovação pelas instâncias competentes, entendemos ser necessário continuarmos o trabalho que desenvolvemos até o momento da Qualificação, incorporando algumas indicações da banca, bem como ampliando-o para que corresponda efetivamente a uma Tese. Portanto, é necessário fazer um breve histórico do estudo que construímos no Mestrado, no qual tomamos como *corpus* a produção escrita do poeta simbolista português Camilo de Almeida Pessanha (1867-1926), que compreende sua correspondência pessoal, crítica literária e poesia (circunscrita geralmente a cerca de 50 poemas enfeixados no volume *Clepsidra*). Valemo-nos então de três conceitos-chave oriundos da mitocrítica (1) e da psicologia analítica de linha junguiana (2 e 3): 1) “Condensação”, cunhado por Northrop Frye (2022), reportando à forma como um autor destitui de sua obra os elementos do cotidiano baseados em preceitos de moralidade e plausibilidade, aproximando-os por conseguinte do modo mítico; 2) “Arquétipo”, conceito de Carl G. Jung (2013, 2014), com o qual o psicólogo se refere às estruturas limítrofes do imaginário humano; 3) “Anima” e “Animus”, ainda de Jung (2014), que seriam dois dos arquétipos, especiais por constarem entre si a problemática dos pares de opostos, de cuja resolução dependeria a consolidação de uma psique plena e saudável (imagem do androgino como unidade primordial do ser humano). Jung (2013) entende que a arte elabora imageticamente os arquétipos. Como são componentes extremos do psiquismo humano, não há como figurá-los de forma plena: aspectos parciais de cada arquétipo aparecem na obra de arte. A Anima, ligada aos aspectos emotivos da psique e o Animus, ligado aos aspectos racionais, permanecem sendo arquétipos, portanto, não escapam a essa condição. Em nosso Mestrado, argumentamos que a obra de Camilo Pessanha demonstra um interesse ineludível em retratar a Anima, a partir de uma figuração multifacetada, presente ao longo do *corpus* analisado. Encontramos retratos do referido arquétipo em imagens fugidas de mulheres e formas compósitas de mulheres com elementos vegetais, principalmente. Além disso, constatamos a presença de figuras do Animus, geralmente masculinas, ocupando uma posição judicativa/racionalizante. Nestes aspectos, estamos próximos ao que Jung havia entendido quanto à figuração comum dos arquétipos em jogo, bem como no interesse psíquico por estabelecer um regime de igualdade entre as duas dinâmicas opostas que dramatizam. A unificação dos opostos é uma meta, portanto, embora não a consideremos plenamente realizada no *corpus*. No percurso, entendemos que Pessanha se vale de recursos verbais específicos da composição poética para não apenas retratar essas figuras, mas retratar também a impossibilidade de se firmar um conceito sólido delas, refletindo não apenas as zonas de interesse do arquétipo, por assim dizer, mas a própria ambivalência que lhes é inerente. Esse sentido nos foi facultado também pela análise genética do poema “Vida”, em que mobilizamos o conceito de condensação para analisar como Pessanha se esforçou por afastar as imagens poéticas de cânones realistas. Estes foram os passos desenvolvidos até o momento da Qualificação. Agora, passados dois semestres de cumprimento de créditos em disciplinas eletivas, projetamos a continuação do trabalho em duas frentes. A primeira, concluir o trabalho então em curso, a análise da produção escrita de Pessanha, que não pudermos completar à altura da Qualificação. Por assim dizer, terminar o que seria a Dissertação, a

princípio, valorizando as contribuições da banca. Na outra frente, entendemos que tal trabalho isolado não traria em si as dimensões de uma Tese, e que não há explorações ulteriores do mesmo *corpus* a se fazer, mesmo que o tenhamos expandido recentemente com o acesso a alguns textos adicionais. Em face desse problema, julgamos pertinente integrar ao *corpus* a obra de outro autor e tentar localizá-lo em perspectivas teóricas próximas àquelas já utilizadas, contudo, reconhecendo abertamente as especificidades da escrita de Pessanha. Resulta que o trabalho terá um caráter heterogêneo, mas buscamos diminuir a disparidade entre obras e, parece-nos, uma alternativa muito promissora a investigação sobre a poética de Eugénio de Castro (1869-1944). Contemporâneo de Pessanha e dono de uma bibliografia vultuosa (suas *Obras poéticas* foram publicadas em 10 volumes), Castro é considerado iniciador do simbolismo português pela publicação do volume *Oaristos* (1890) (Saraiva e Lopes, 1976), o que não impediu que sua obra fosse negligenciada pela crítica após sua morte. Nos textos seus a que obtivemos acesso, observamos tendências imagéticas que se irmanam daquelas elaboradas por Pessanha, sobretudo na identificação entre figuras femininas e vegetação, sem, contudo, se restringirem às metáforas banalizadas e generalizantes típicas do séc. XIX, contra as quais dirige sua insatisfação no famoso prefácio-manifesto aos *Oaristos* (Castro, 1890, p. V). É o que observamos em passagens como “Teu corpo – aprilino prado / Por onde o meu Desejo, pastor brando, / Serenamente há de viver, pastoreando / Meus beiços, desinquietos cordeirinhos” (1894, p. 3) ou “Os teus dedos são espargos, / E os teus seios pecegos [pêssegos] verdes mas não amargos” (1894, p. 4), de *Sylva*. Também o notamos no “Rimance”, do mesmo livro, poema narrativo. Dois jovens se enlaçam amorosamente na escuridão de uma câmara medieval e, para ocultá-lo da mãe, a moça diz que “É o jardineiro que morde / Fructas verdes no jardim” (1894, p. 82). A imagética empregada por Castro alude fortemente às imbricações entre a Anima e a flora, exploradas já por Pessanha, e que foram um ponto positivamente destacado pela banca durante a Qualificação. Entendemos que será produtivo explorar mais esse aspecto da obra castriana, e por essa razão nos candidatamos ao Doutorado Sanduíche, com aprovação recente. Portanto, a próxima etapa do trabalho consiste em ir à Universidade de Coimbra, onde Eugénio de Castro foi docente, e lá investigar sua obra. Temos como meta tanto a obra literária – suas *Obras completas* se encontram na biblioteca da Universidade – quanto sua correspondência, que consta no acervo da mesma instituição. Isso acrescentaria e muito ao ineditismo do trabalho, em especial levando em conta a correspondência, sobre a qual encontramos, até o momento, apenas vaga menção, enquanto a instituição acusa ter consigo cartas trocadas entre Castro e mais de 700 correspondentes diferentes, um volume imenso e escassamente estudado. Como estudamos a correspondência de Pessanha, o acréscimo do conjunto epistolar de Castro ao *corpus* também amenizaria as disparidades entre os polos do trabalho. Por fim, o período no exterior proporcionaria a possibilidade de estudarmos botânica, com foco na flora portuguesa, o que lateralmente importa levando em conta nossa análise concernente à intersecção entre mulheres e plantas presente no *corpus*. Tal dimensão amplia o ineditismo de nossa leitura; se, por um lado, as associações imagéticas da Anima e da vida vegetal eram reconhecidas por Jung (2014) e Neumann (2021), por outro, o interesse sobre as plantas na literatura com abordagem da psicologia analítica é recente, como pôde atestar nossa pesquisa até o presente momento. Em suma, projetamos dar continuidade ao trabalho: finalizando nossa análise da produção epistolar, poética e crítica de Camilo Pessanha, investindo nas relações Anima-flora e transportando esse mesmo foco à obra de Eugénio de Castro a que tivermos acesso.

## BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Eugénio de. **Oaristos**. Coimbra: Livraria Portugueza e Estrangeira de Manuel d'Almeida Cabral, 1890.
- \_\_\_\_\_. **Sylva**. Lisboa: Manuel Gomes, 1894.
- DEOLA, Tatiana. **Reflexões sobre a androginia e a teoria junguiana da contra sexualidade na contemporaneidade**. 2017. 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Psicologia, Niterói, 2017.
- FRYE, Northrop. **O poder das palavras**: a Bíblia e a literatura II. Tradução de Marcio Stockler. Campinas: Sétimo Selo, 2022.
- HILLMAN, James. **Anima**: a psicologia arquetípica do lado feminino da alma no homem e sua interioridade na mulher. Tradução de Lucia Rosenberg e Gustavo Barcellos. 2 ed. São Paulo: Pensamento Cultrix, 2020.
- JUNG, Carl Gustav. **O espírito na arte e na ciência**. Tradução de Maria de Moraes Barros. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução de Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- NEUMANN, Erich. **A Grande mãe**: um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente. Tradução de Fernando Pedroza de Mattos e Maria Sílvia Mourão Netto. 2 ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2021.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa**. 9 ed. Porto: Porto Editora, 1976.

# A MELANCOLIA EM TRÊS ROMANCES BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS: *MARRON E AMARELO* (2019), *TORTO ARADO* (2019) E *O AVESSO DA PELE* (2020)



Maristella Letícia Sell (Doutoranda)

Dr. Alamir Aquino Corrêa (Orientador)

7º semestre – Previsão de defesa: 2025/1

Neste trabalho proponho uma análise dos romances contemporâneos *Marrom Amarelo* (2019) de Paulo Scott, *Torto Arado* (2019) de Itamar Vieira Junior, e o *Avesso da pele* (2020) de Jeferson Tenório, todos escritos por autores negros. O objetivo é um estudo das atitudes e sentimentos melancólicos das personagens e suas relações com a raça, a etnia e a cor. Desde a década de 1980, a quantidade de escritores que afirmam sua identidade negra tem aumentado significativamente, ganhando espaço na cena cultural. Paralelamente, as reivindicações do movimento negro se expandem e começam a obter maior visibilidade institucional. Segundo Eduardo de Assis Duarte (2010), “cresce, da mesma forma, mas não na mesma intensidade, a reflexão acadêmica voltada para esses escritos” (p. 113). O que se percebe é que a produção acadêmica mais volumosa e sistematizada ainda está em fase de construção nos meios acadêmicos brasileiros, apesar de já existirem alguns trabalhos de extrema relevância. Neste ínterim, este trabalho levanta a hipótese de que os sentimentos melancólicos são provenientes de fatores históricos, herdados pelas pessoas negras em virtude de sua negritude e de todo o peso que a cor preta e suas nuances carregam. Deste modo, a organização do trabalho será em cinco capítulos, dois para o referencial teórico e três com o intuito de categorizar as instâncias de análises ficcionais. No primeiro capítulo, intitulado Raça, Etnia e Cor foi discutida a política do corpo negro, sua posição na sociedade brasileira, a cor desse corpo e a consciência do corpo negro na Literatura. Para tanto, as temáticas abordadas e os principais autores foram: a Biopolítica em Michael Foucault (2008), a Necropolítica em Achille Mbembe (2018), o Genocídio Econômico em Abdias do Nascimento, (2016), a solução da eugenia em Nancy Leys Stepan (2005), o privilégio da branquitude em Lilia Moritz Schwarcz (1993), o Colorismo em Alessandra Devulsky (2021), os silêncios e as inversões em Regina Dalcastagné (2008). Ao fim dessa primeira seção, propõe-se que os corpos negros, atravessados pelo racismo, carregam uma carga histórica de sentimentos e percepções que os afetam psicologicamente de maneira melancólica. Essa herança emocional reflete a profunda influência das injustiças e opressões sofridas ao longo da história. No segundo capítulo, intitulado Melancolia na Contemporaneidade, o debate foi sobre os sentimentos melancólicos que permeiam a vida moderna e os impactos disso nos corpos negros. Para tanto, tratei das temáticas sobre a alienação, a nostalgia, a anomia, a angústia e a subalternidade e criminalização. Os principais autores citados foram: Frantz Fanon (2008), Svetlana Boym (2017), Émile Durkheim (1858-1917), Robert King Merton (1910-2003), Jacques Lacan (1901-1981) e Gayatri Chakravorty Spivak (2010). Os três capítulos que seguem tratarão especificamente dos romances escolhidos para este trabalho: *Marrom e Amarelo* (2019), *Torto Arado* (2019) e *O Avesso da Pele* (2020). O romance *Marrom e Amarelo* (2019) é permeado por uma melancolia identitária que afeta seu protagonista, Federico. A obra de Paulo Scott centra-se na história de dois irmãos, Federico e Lourenço, e como o tom de pele – um sendo preto claro e o outro preto retinto – influencia diretamente os eventos narrados.

Federico, que vive questões identitárias por não se encaixar nas categorias do colorismo – sendo visto como branco em alguns contextos e preto em outros – enfrenta um conflito com o irmão e a violência urbana de uma capital que pratica o embranquecimento. Como resultado, ele se afasta da família e da região, vivendo isolado, especialmente longe do irmão e da sobrinha militante. Ambientada na Porto Alegre dos anos 1980 e na mesma cidade atualmente, a narrativa revisita o passado e as consequências do racismo em uma cidade marcada por uma história violenta e racista. *Torto Arado* (2019) é ambientado na Chapada Diamantina, no sertão da Bahia, na década de 1960. O romance acompanha a história de uma família descendente de escravizados que, por décadas, vive e cultiva a mesma terra em um assentamento quilombola, agora englobado pela Fazenda Água Negra, sem direito à posse. As três vozes narrativas da obra são as irmãs Bibiana e Belonísia e a entidade do jarê Santa Rita Pescadeira. A narrativa avança no tempo até a atualidade, explorando a ancestralidade, a herança e a preservação cultural. A obra também discute a negação do direito à terra e a expropriação de terras quilombolas. As consequências dessa prática criminosa e secular incluem a exploração do trabalho e o surgimento de sentimentos melancólicos resultantes desses processos. O último romance selecionado para esse trabalho é *O Avesso da Pele* (2020). Narrado em segunda pessoa por Pedro, a história reconstrói a vida do pai através dos fragmentos e objetos encontrados no apartamento dele, que precisa ser esvaziado após a sua morte. Através dos olhos do filho, conhecemos Henrique, um professor de 52 anos, homem negro, morador de Porto Alegre, que foi assassinado após uma abordagem violenta da polícia na saída do trabalho. Tratei dessa obra a partir da necropolítica, explorando como as decisões do Estado determinam quem vive e quem morre, através de julgamentos rápidos que ultrapassam todas as esferas do direito. Henrique, morador de Porto Alegre, vivencia múltiplos lutos. Como professor de História em uma escola pública, ele enfrenta a desmotivação na profissão e o medo de ser ausente na vida do filho, assim como o seu próprio pai fora na dele. Henrique está plenamente consciente das transições de um jovem negro em busca de seus sonhos até se tornar um adulto graduado, percebendo que a cor da pele é a principal causa das violências sofridas. A tristeza que sente transcende sua própria vida, refletindo as injustiças sistêmicas e raciais que enfrentou. A tese investiga, portanto, como a cor da pele e suas diversas tonalidades refletem heranças culturais e sociais que, ao mesmo tempo, perpetuam e revelam uma profunda melancolia, moldando os destinos das personagens. Ao analisar as obras *Marrom e Amarelo* (2019) de Paulo Scott, *Torto Arado* (2019) de Itamar Vieira Junior e *O Avesso da Pele* (2020) de Jeferson Tenório, procura-se evidenciar que a cor da pele não é apenas um marcador de identidade, mas também um símbolo de resistência e de dor. Essas narrativas literárias expõem a complexidade das experiências negras no Brasil, sublinhando a persistência das desigualdades e a luta contínua por reconhecimento e justiça.

## BIBLIOGRAFIA

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Mariana, v. 10, n. 23, 2017. Disponível em: <https://historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236>. Acesso em: 5 jun. 2024.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, Brasília, n. 31, p. 87-110, 2008.

DE ASSIS DUARTE, Eduardo. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Revista Terceira Margem*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, 2010.

DEVULSKY, Alessandra. *Colorismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. Tradução de Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica*, São Paulo: Martins Fontes, 2008.

JUNIOR, Itamar Vieira. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MERTON, Robert King. *Sociologia: teoria e estrutura*. Tradução de Miguel Maillet. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOTT, Paulo. *Marrom e amarelo*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2019.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

## A CRÍTICA PERFORMÁTICA DE SUSAN SONTAG

Ana Carla da Silva Lima (Doutoranda)  
Barbara Cristina Marques (Orientadora)  
7º semestre, previsão de defesa 2/24

A hipótese é que Susan Sontag tenha exercido o que Henry M. Sayre concebeu como crítica performática. Em *The Object of Performance* (1989), a partir de "Contra a interpretação" (1966), um dos ensaios mais importantes de Sontag, Sayre desenvolve o conceito de *critical performance* [traduzido como crítica performática ou performance crítica] para analisar o percurso de escrita de Roland Barthes. A ideia principal parte do seguinte texto de Sontag: "O importante agora é recuperar nossos sentidos. Precisamos aprender a ver mais, a ouvir mais, a sentir mais. Nossa tarefa não é descobrir o máximo de conteúdo numa obra de arte, muito menos extrair da obra mais conteúdo do que já está ali [...] A função da crítica deve ser a de mostrar como ela é o que é, e mesmo é isso o que ela é, e não o que ela significa. Em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte" (Sontag, 2020, p. 39). Portanto, retomo o conceito de Sayre para ler a própria Sontag. Para Sayre, a crítica performática pode ser entendida como um espaço entre a autobiografia e a ficção, dissolvendo a distinção entre ensaio e ficção do autor [no caso dele, Barthes]. No entanto, elabora itens formais que podem ser usados objetivamente como parâmetros e observados também, por exemplo, linguagem lírica, designações conotativas, metáforas, uso de primeira pessoa, adjetivos, qualificadores, voz persuasiva, de convencimento etc. Operando inicialmente com esse conceito, o trabalho da tese é inverter a direção para a própria Sontag para entender como ela exerce a crítica performática, um modo de escrita crítica "more willing to be confessional, vulnerable, autobiographical, even embarrassing" (Sayre, 1989, p. 256). Estudar e escrever sobre a obra de Susan Sontag é um modo de pensar sobre a escrita da arte. Para a autora, a escrita em si é um objeto que permaneceu na linha principal de observação por todo o tempo de produção, seja ela crítica, acadêmica ou artística: "Por que escrever é importante? Sobretudo por vaidade, eu suponho. Porque eu quero ser essa persona, uma escritora, e não porque exista alguma coisa que eu devo dizer. E, no entanto, por que não também isso?" (Sontag, 2009, p. 180). Da mesma forma, o tema não saiu do radar do projeto de pesquisa, porque passou pelo objetivo de seguir a linha de análise estética-formal de obras literárias até chegar ao estudo dos textos enquanto construção de uma crítica performática. Dessa forma, é um ponto de partida incontestável - não só como tema a ser aprofundado na pesquisa, mas enquanto entendimento e reflexão crítica. Começando a publicar em 1963, aos 30 anos, os ensaios de Sontag sempre se mostraram substanciais, à primeira vista, pelo motivo de que obtiveram repercussão instantânea, com diversas respostas e movimentação de outros profissionais da época, posteriormente, porque se transformaram em presença no rol de leituras obrigatórias na iniciação de diversas áreas - praticamente incontornável em estudos sobre crítica literária, fotografia, cinema e afins, por exemplo, com *Contra a interpretação* (1966), *Sobre a fotografia* (1977) e *A vontade radical* (1969), respectivamente. Para Sontag, escrever significa manter vivo na sua obra um sentido de alteridade como marca da resistência da experiência e da subjetividade a esta "função social" da linguagem. Ao mesmo tempo, a própria escrita é um elemento do processo através do qual a subjetividade é constituída e investigada, uma relação dinâmica de significado, desejo e identidade; isso pode ser ligado ao que Pollock pontua sobre a linguagem crítica que se torna um exercício de "duplicity, doubleness, simulation; each turn and return of language" (Pollock, 1998, p. 73). A fim de sistematizar, estabelecemos a seguinte estrutura para a tese: no capítulo inicial, i) "Susan Sontag: uma voz dissonante", busco, num primeiro momento, contextualizar a autora em seu ponto de partida. Como o objetivo principal é investigar a união entre subjetividade e ofício crítico, nesta seção,

estabeleço aspectos temáticos de contato entre ambas as instâncias da autora; e é por isso que aqui retomo particularidades biográficas, estipuladas de acordo com as preferências e insistências de Susan Sontag ao longo de sua carreira como ensaísta e crítica de arte, os eventos selecionados são: viagens à China, morte do pai e escolha de um novo sobrenome. Como aporte, nesse momento de burilar fontes externas de pesquisas biográficas, escolho duas, *Susan Sontag: A Biography* (2014), de Daniel Schreiber; e *Sontag* (2019), de Benjamin Moser. De forma a focalizar em seus textos como material e *corpus*, comprehendo também os dois diários enquanto material de pesquisa: *Diários* (1947-1963) e *Diários II* (1964-1980), junto a eles, a coletânea de contos *I, etcetera*, considerando justamente como o impacto memorialístico e crítico desses eventos moldam a *persona* Sontag. Nessa esteira, para tratar da relação autor e obra sob esse viés, junto ao lugar da escrita diarística e do ensaio, recorro também a obras teóricas, as principais são: *Estética da criação verbal* (2000), de Mikhail Bakhtin; *O rumor da língua* (1988), de Roland Barthes, *O livro por vir* (2005), de Maurice Blanchot; *O pacto autobiográfico* (2014), de Philippe Lejeune; *O espaço biográfico* (2010), de Leonor Arfuch; e *El diario ¿forma abierta?* (1996), de Béatrice Didier. Com isso, o propósito é visualizar a organização deste material híbrido seguindo a relação temática entre espaço, tempo e o *eu*. O capítulo intermediário, ii) "A crítica performática: limiares de uma escrita singular?", dá sequência à exploração teórica a fim de articular o texto principal de Henry M. Sayre com outros debatedores do tema, por exemplo, Diana Klinger (2007), sobre as escritas de si; Della Pollock (1998), acerca do conceito de *performative writing*; Simon Shepherd (2016), ao lidar com *performative turn*, entre outras correlações, aliando as dimensões sobre a crítica performática e a escrita de Sontag. O último capítulo, iii) "Por que escrevo e como escrevo", tratará sobre a escrita de Susan Sontag, analisando as particularidades da performance crítica nos ensaios escolhidos posteriormente; as obras pré-elencadas são *Contra a interpretação* (1966), *Doença como metáfora* (1978), *Sob o signo de Saturno* (1980), *Questão de ênfase* (2020) e *Diários I e II* (2009; 2016). Conclui-se então como intuito principal da tese o trabalho de Susan Sontag como crítica performática, mobilizando textos e conceitos que possam agregar às discussões e solidificar a hipótese.

## BIBLIOGRAFIA

ÁVILA, Myriam. *Diários de escritores*. Belo Horizonte: ABRE, 2016.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vital. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

\_\_\_\_\_. *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DIDER, Béatrice. El diario ¿forma abierta? In: *Revista de Occidente*, n. 184, 1996, pp. 39-46.

KENNEDY, Liam. *Precocious Archaeology: Susan Sontag and the criticism of culture*. Journal of American Studies. v. 24, n. 1 (apr.), 1990.

KLINGER, Diana. Escritas de si, escritas do outro. O retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

MAUNSELL, Jerome Boyd. The writer's diary as device: the making of Susan Sontag in Reborn: Early diaries 1947-1963. *Journal of Modern Literature*. v. 35, n. 1, 2011.

PIRES, Paulo Roberto (Org.) *Doze ensaios sobre o ensaio*. São Paulo: IMS, 2018.

POLLOCK, Della. *Performing Writing*. In: PHELAN, P.; LANE, J. (Orgs.) *The Ends of Performance*. New York: NYU Press, 1998.

SAYRE, Henry M. *The Object of Performance: The American Avant-Garde Since 1970*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

SHEPERD, S. *The Cambridge Introduction to Performance Theory*. Cambridge University Press; 2016.

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação e outros ensaios*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

\_\_\_\_\_. *A vontade radical*. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

\_\_\_\_\_. *A doença como metáfora AIDS e suas metáforas*. Trad. Rubens Figueiredo/Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Diários: (1947-63)*. Organização e prefácio David Rieff. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *Diários II: (1964-80)*. Organização e prefácio David Rieff. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

WEBB, Nancy. *In search of the new sensibility: Susan Sontag writing on art in the sixties*. A thesis in the department of art history. Montreal: Concordia University, 2015.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. 1 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

## O TRANSBORDAR DO SENSÍVEL: A POESIA NO ATO CRIATIVO DO CINEASTA ANDREI TARKOVSKI

Juliana da Silva Bello (Doutoranda)  
Barbara Cristina Marques (Orientadora)  
5º semestre, previsão de defesa em 2/26

A vida sensível reside na capacidade de fazer as imagens viverem fora de si. Emanuelle Coccia (2010) postula que a influência do sensível é o que nos permite entrar em contato com os cheiros, os sons, as cores, as sensações olfativas, por exemplo. Nesse sentido, Coccia denomina como imagem esse conjunto de percepções que nos chega, mas efetivamente nos atinge porque nos atravessa de alguma forma intermediária (meio) que na concepção do autor constitui-se por algo que está entre o nosso corpo e o mundo. Esse meio é considerado por ele como o sensível; o território do sensível, portanto, ocupa esta posição intervalar, ou seja, uma posição de algo que está entre os nossos corpos, os corpos dos seres viventes e o local onde esses se encontram e sob que condições. “Se falamos é porque somos especialmente sensíveis às imagens” (Coccia, 2010, p. 44). A linguagem não existe sem a imagem, nesse sentido, o filósofo comprehende que a linguagem funciona como um espaço de medialidade onde “as formas podem existir como imagens em completa autonomia” (2010, p. 45). Somos afetados pelas imagens que nos invadem, assim, “a imagem cinematográfica não é um objeto tal qual são a cadeira, a mesa ou a maçã. É algo que existe *sobre* um objeto (a luz e a tela), ou melhor, uma existência superior do objeto” (2010, p. 53). Para Deleuze e Guattari (2010) uma obra de arte preserva em si mesma seu instantâneo, ou seja, conserva os sons, as paisagens, e todo aquele momento, em imagem, ao passo que ela existe a partir de seu suporte. Então o composto de *perceptos* e *affectos* instaura-se enquanto bloco de sensações que existem na ausência do ser humano e preservam-se enquanto ser de sensação (Deleuze; Guattari, 2010). Os *perceptos* e *affectos*, naturais da obra (sua materialidade) determina a experiência perceptiva. Se o processo de criação artística reside na observação atenta do mundo material e sua constante mutação, pode-se dizer que o ato criativo do cineasta russo Andrei Tarkovski (1932-1986) confirma na reprodução do instante, na captação do movimento, “em sua fluida mutabilidade — aquele instante que somos capazes de dominar ao imprimi-lo na película [...]” (Tarkovski, 2010, p. 110). Espreitar o instante e captar todas as sensações. A arte “é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons ou nas pedras” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 208). Nesse sentido, o cineasta (o artista) ao contar história, segundo Deleuze (1987), cria blocos de movimento/duração, uma vez que propõe inventar imagens e sons colocando-as numa sequência, portanto, configurando o que é ter uma ideia em cinema. Andrei Tarkovski cria por e pelas sensações. A organização de ordem do poético, em seus mais variados aspectos, encontra no cinema do diretor aproximações que dialogam com elementos da música, da imagem, do ritmo, da fotografia, da pintura, por exemplo. Ele considera o cinema, dentre todas as artes, a mais íntima e a mais poética de todas, pois comprehende um processo de criação, cuja essência reside nas articulações poéticas e na lógica da poesia (Tarkovski, 2010, p. 16). Segundo o cineasta, essa base que moldura a imagem de sua cinematografia justifica-se em não seguir a lógica tradicional do cinema, do qual decorre da linearidade e do enredo rígido ou, muitas vezes, pela via que muitos usam para produzir um cinema dito “poético” a partir de construções simbólicas que exigem do espectador

interpretações que mais se evadem do real do que aproximam. Vale ressaltar que para o diretor o real não se atrela à estética realista/naturalista, mas sim ao ato de observação direta da vida e todos os fenômenos que se desenvolvem no tempo e compõe esse processo pelo qual é possível atingir a realidade sem que haja uma fronteira entre a subjetividade e a objetividade. Dissolve-se, portanto, a separação entre o objetivo e o sonho, a memória, o tempo e o espaço. Uma visão que parte do real para propor ir além do aparente e penetrar o mistério, o espiritual, o sensível. Posicionamento que corrobora com Mario Perniola (1993, p. 103) sobre o sensível ser um território captado pela atenção, vigilância e aplicação como fatores do sentir, pois isso se aplica em “uma extrema atenção e escuta face ao mundo e ao seu devir, não o fechamento em nós próprios, numa cega e surda impassibilidade” (1993, p. 109). Tarkovski, do mesmo modo, fundamenta seu pensamento pela via da observação, da instantaneidade do fenômeno e do poético, além de entender o ato de comunicar enquanto concepção de comunhão entre o artista e o público. Pura relação de experiência e não de imposição de ideias. Com efeito, a concepção de cinema poético para ele se traduz na experiência imediata pela qual “o tempo se manifesta na forma de um evento real” em que “observar” (2010, p. 75) habita no ato intuitivo. Estar diante dos objetos, das imagens e perceber ao redor tudo o que se manifesta a partir dessa atitude da observação, torna possível a experiência do sensível. Assim, o modo pelo qual o diretor defendia sua relação com a realidade, atrela-se ao pensamento de Hans Ulrich Gumbrecht (2016, p. 86-87), a partir da tese de Lucy Alford (2019), acerca da criação do real a partir de uma atenção poética. Ao artista cabe a percepção de imagens enquanto suporte do modo atentivo/poético no ato da criação, pela qual a poesia é, sobretudo, tornar presente a observação dos fenômenos. Nesse sentido, em Tarkovski a poesia é “uma consciência do mundo, uma forma específica de relacionamento com a realidade” (2010, p. 18) sendo, portanto, a essência da imagem cinematográfica — um modo de atenção, no sentido defendido por Alford e Gumbrecht. Para tanto, o objetivo da tese é investigar os filmes *O espelho*<sup>1</sup> (1974), *Stalker*<sup>2</sup> (1979) e *Nostalgia*<sup>3</sup> (1983) a partir dos sete poemas de Arseni Tarkovski (1907-1989), pai do diretor, que os compõe. Poeta importante no cenário da Literatura Russa, para quem a poesia era a principal base para outras artes, uma vez que “representações, ritmo, cor, som e temporalidade” (Blair, 2014, p. 25 apud Vasconcelos, 2020, p. 155) são elementos que a transitam. Tal como Arseni, Andrei Tarkovski acreditava que a poesia fosse a matriz para qualquer criação artística, pois transpõe outras artes, sobretudo, o cinema. O propósito, então, é analisar o modo com que Tarkovski se serve dos poemas do pai na constituição de seu ato criativo. Justifica-se, portanto, percorrer sobre o que é a criação, partindo também do pensamento do diretor inscrito na obra teórica *Esculpir o tempo* (2010) e *Diários 1970-1986* (2012). Ademais, a observação poética da realidade que tange o sensível, terá a base de análise para o trabalho as materialidades e a produção de sentido. Com efeito, o meio para pensar dois conceitos importantes de Gumbrecht: a *stimmung* e a produção de sentido através da palavra. O material poético do pai se inscreve no filmográfico de modo a conduzir as narrativas, uma vez que a palavra se associa com uma série de elementos da imagem, como a cor, a iluminação, a

<sup>1</sup> Poemas: “Primeiros encontros”, “Ontem fiquei esperando desde manhã”, “Vida, vida”, “Eurídice” e “Floresta de Ignatieve”;

<sup>2</sup> Poema: “Mas tem de haver mais”;

<sup>3</sup> Poema: “A visão enfraquecida”.

música, a recorrência da natureza russa e, sobretudo, o ritmo na compreensão do tempo. Ritmo que também está na tese central de Gumbrecht, uma vez que coordena o corpo, o movimento, a leitura de um texto, e também pode atrelar-se ao ritmo do próprio corpo do autor, no como ele foi atingido (2010, p. 91-92). Assim, é possível pensar o que exatamente, nos poemas de Arseni Tarkovski, parece mobilizar os afetos em direção àquilo que podemos designar, a partir do suporte teórico de Gumbrecht, a presença e a *stimmung* no ato criativo da obra filmica do cineasta. A poesia ativa a *stimmung*, o clima, a atmosfera e a ambiência (2014, p. 14); a capacidade de um poema em conjugar, em produzir aquela impressão, a ilusão de uma presença física de um corpo, de um objeto, ocorre a partir da nossa sensação corporal. Nesse sentido, partimos dos poemas do pai de Tarkovski para pensar a criação de sua imagem cinematográfica atravessada pelo sensível. A estrutura do trabalho reside numa metáfora pensada a partir do copo com vinho; inspiração nutrida e notada em fotografias feitas por mim durante um período imersiva na filmografia<sup>4</sup> do diretor. Logo, a tese, até aqui, comporta: a) o copo cheio que transborda as percepções que fomentam o cineasta em “A Criação I — um olhar para a vida sensível”; b) o copo em movimento que induz explorar o corpo (a materialidade), os aromas, as notas, o cinematográfico em outro território, o devir-literário em “A Criação II — o sentido e as materialidades: imagem e poesia”; c) o copo esvaziado, sorvido de experiência, de ser tangido pelas sensações das quais transitam pelo canal de produção do sensível que, para Coccia é a palavra materializando-se em imagens que nos chegam e agem em nós (2010, p. 71), em “A Criação III — o ensaio e o ato criativo”. Portanto, pretendo dissertar sobre a minha experiência com a imagem (fotografias feitas por mim) a fim de estabelecer um diálogo com as polaroides<sup>5</sup> de Tarkovski realizadas no período que esteve em trânsito entre Rússia e Itália. Os poemas e os filmes selecionados serão analisados conforme a condução de cada parte pensada, do mesmo modo, a base teórica conforme o diálogo que se estabelecerá para cada “A Criação”.

## BIBLIOGRAFIA

ALFORD, L. *Forms of Poetic Attention*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2019.

COCCIA, Emanuele. *A vida sensível*. Tradução Diego Cervelin. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Percepto, afecto e conceito. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010, p. 193-135.

DELEUZE, Gilles. O ato de criação. Tradução de José Marcos Macedo. *Folha de São Paulo*, 27/06/1999. Transcrição de conferência realizada em 1987.

<sup>4</sup> Composta por: *O rolo compressor e o violinista* (1960 — curta-metragem), *A infância de Ivan* (1962), *Andrei Rublev* (1966), *Solaris* (1972), *O espelho* (1974) e *Stalker* (1976) — longas-metragens da fase soviética. Na fase ocidental, foram produzidos *Nostalgia* (1983) na Itália e *O Sacrifício* (1986) na Suécia, realizados durante o período de exílio — o qual se manteve até sua morte na França em 1986.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.anothermag.com/art-photography/2939/andrei-tarkovskys-polaroids>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença*: o que o sentido não consegue transmitir. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, 2010.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Atmosfera, ambiência, stimmung*: sobre um potencial oculto na literatura. Tradução Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, 2014.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Serenidade, presença e poesia*. Tradução Marina Lage. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2016.

PERNIOLA, Mario. *Do sentir*. Tradução António Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

TARKÓVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TARKÓVSKI. Andrei. *Diários: 1970-1986*. Tradução Alexey Lázarev. São Paulo: É Realizações, 2012.

VASCONCELOS, B. A. Um modo de relacionamento com a realidade: Noções de poesia de Andrei Tarkovski. *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*, v. 7, n. 2, p. 152–172, 14 jul. 2020.

## FILMOGRAFIA

O ESPELHO (*Zerkalo*). Direção: Andrei Tarkovski. Mosfilm, 1974. Duração: 105 min.

STALKER (*Stalker*). Direção: Andrei Tarkovski. Mosfilm, 1979. Duração: 161 min.

NOSTALGIA (*Nostalghia*). Direção: Andrei Tarkovski. Rai 2 – Sovin Film (Itália – URSS), 1983. Duração: 130 min.

## NARRATIVAS EM RUÍNA: A CIDADE E A MEMÓRIA DA SHOAH NOS ROMANCES DE GONÇALO M. TAVARES E PATRICK MODIANO

Antônio Martins da Silva Júnior (Mestrando)  
Prof.<sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Ellen Mariany da Silva Dias (Orientadora)  
3º semestre, previsão de defesa para 01/2025

O espaço urbano, desde o surgimento das cidades, configura-se com uma zona de disputas sociais, econômicas, étnicas e religiosas, mas, sobretudo, se apresenta como espaço de memórias e identidades que se refletem materialmente na organização e na distribuição dos marcos arquitetônicos, para além da sua conservação, já que as diferentes estratégias políticas da memória incidem sobre os critérios de escolha do que e como deve ser lembrado pela sociedade. Isto posto, o *corpus* desta pesquisa é composto pelos romances *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai* (2015), publicado em Portugal, pelo escritor Gonçalo M. Tavares, e *Dora Bruder* (2014), romance francês publicado originalmente em 1997, da autoria de Patrick Modiano. Nosso objetivo é investigar como a ambientação dos romances impacta na composição das personagens, e como estes elementos materiais da paisagem urbana, tal como descritos, evocam informações referentes à memória de eventos traumáticos da nossa história recente, nomeadamente, os horrores da II Guerra Mundial e dos campos de concentração onde se perpetrou a Shoah. Podemos observar diferentes construções narrativas do espaço, que evocam possibilidades diversas, trazendo os traumas da história recente da humanidade como temática e propondo um debate, através da narrativa, para a criação de um mundo menos *unheimlich* (Freud, 2021). Para isso, utilizaremos uma metodologia mista que, partindo do formalismo/estruturalismo, busca reconhecer e descrever as estruturas narrativas e os procedimentos artísticos (Chklóvski, 2013) próprios de cada texto literário, operando a partir de uma abordagem comparativa que busca analisar similaridades e diferenças presentes no *corpus*, dada a semelhança entre as suas temáticas. Sendo assim, a descrição dos aspectos técnicos dos textos será realizada dispondo de instrumentos da teoria literária, classificando os diferentes tipos de narrador e narração, espaço, ambiente, ambientação, personagens, de modo a tecer uma descrição dos espaços e ambientações concebidos e sua implicação em termos da organização das tramas. Em um segundo momento, apelamos para conceitos da filosofia, da história, da psicologia, e da antropologia para tecer liames entre as *formas* observadas nas etapas anteriores e os efeitos estéticos e de sentido daí apreendidos. Nossa metodologia, no entanto, pode contar com a assistência de outras ciências aqui evocadas como auxiliares e que podem, em conjunto com os instrumentos dos estudos literários, oferecer uma leitura eficiente das obras analisadas. Ou seja, a esta altura do trabalho, nosso aporte teórico se volta para conceitos como os de *memória* e *identidade*, de Halbwachs (2003) e de Candau (2023), que, em linhas gerais, expressam a forma como as identidades se criam e se firmam diante da permanência do espaço físico como única realidade material durável diante da nossa relação com o transcorrer o tempo. Isso porque estes romances apresentam um ideal de memória arquivística, tanto pela via da oralidade como pela via da escrita, mobilizando a materialidade dos vestígios e reminiscências do passado, dando a ver uma sanha memorialista típica das identidades fragmentadas da pós-modernidade (Hutcheon 1985, 1991), na qual os sujeitos são simultaneamente pertencentes à diversos grupos com memórias e identidades conflitantes. No romance de Tavares, a cidade é imaginada como um esqueleto descarnado, um espaço distópico e semidestruído, com ambientes íntimos e públicos que evocam o terror e o perigo constantemente. Desse modo, Berlim representa uma paisagem do medo (Tuan, 2005) na qual a experiência da alteridade é sempre um risco que se corre. Além disso, o espaço físico se compõe de maneira a lembrar a estética do expressionismo alemão, cujos cenários eram elaborados com ângulos afiados, apelando sempre a tons escuros para compor a ambientação

ominosa das paisagens urbanas e, dessa maneira, dizendo mais sobre a psicologia das personagens do que sobre o espaço *per se*. A experiência da cidade é, por isso, uma experiência que se dá no campo socioestético, uma vez que a fisicalidade dos espaços dita as relações sociais estabelecidas em um ambiente desorientador. Por outro lado, no romance de Modiano, que pretende criar um *still* fotográfico de Paris durante os anos da Ocupação nazista (1940-1944), cunha um retrato impressionista da cidade em dois tempos, o ontem (tempo narrado) e o hoje (tempo da narração). Portanto, ao procurar os rastros e restos documentais, o narrador percorre as ruas de Paris relembrando sua juventude enquanto remonta a história do desaparecimento de Dora Bruder, passando por edificações cujos usos se modificaram ou que simplesmente foram demolidas para dar lugar ao progresso e a novidade. Ao equiparar os judeus parisienses com as fachadas das edificações e seus múltiplos tons de cor, todos eles tão parisienses como esses prédios (Modiano, 2014), o narrador aproxima a cidade das pessoas de maneira a fundi-los em uma massa simbiótica, pois recordar essas pessoas é evocar as ruas e bairros pelos quais transitaram, as casas que habitaram, as escolas que frequentaram antes do extermínio nos *lager* do III Reich, promovendo, assim, uma (re)historicização das vítimas, resgatando-as do esquecimento, ao mesmo tempo em que reconstrói mental e verbalmente a cidade tal como foi no passado e a ela restituindo aqueles que de sua cidadania foram excluídos. Sendo assim, a sombra do holocausto que paira como ameaça em *Dora Bruder* e como lembrança em *Uma menina está perdida em seu século à procura do pai*, é uma possibilidade real que, como eco do tempo histórico vivo e dinâmico, ainda oferece ameaça ao frágil edifício democrático erguido no pós-guerra. Portanto, partimos da consideração de que a memória de eventos traumáticos, elaborados artisticamente pela via da narrativa, levantam questões sobre a reconciliação com o passado, sobre a relação dos sujeitos com a memória, com a história e com a ficção, competindo, então, para uma espécie de alívio para as angústias modernas; nestes romances a memória flerta constantemente com o esquecimento na busca pelos ausentes que se faz pelos labirintos e becos escuros das cidades. Isto posto, podemos considerar que estes romances apresentam uma abordagem essencialmente espacial, compondo uma poética fundamentalmente urbana e pós-moderna, que passa em análise os traumas históricos que permeiam a memória coletiva dando voz às versões outras da História. Dessa forma, Dora e Hanna, protagonistas dos romances de Modiano e de Tavares, respectivamente, são postas como personagens metonímicas das vítimas parisienses e berlinenses dos campos de extermínio. Desse modo, nossa hipótese central é a de que, nestas obras literárias, a cidade é pensada como uma abertura máxima, espaço essencialmente público que, simultaneamente, se configura como uma extensão territorial e temporal dos campos de concentração, constrangendo seus habitantes a uma vida sob constante insegurança e desorientação, desempenhando um papel paradoxal em suas constituições identitárias. Esses paradoxos podem ser observados no romance de Tavares de maneira mais clara, uma vez que, frente às ruas destruídas e ocupadas por pessoas em um estado mental de perene confusão, o único abrigo possível aos perigos só pode ser encontrado em um hotel cujos quartos são nomeados e não numerados, que evocam, cada um, um campo de extermínio diferente, dando nome e forma à aterradora memória dos campos de concentração e extermínio de Auschwitz, Theresienstadt, Dachau, Treblinka, entre outros tantos distribuídos em uma complicada arquitetura labiríntica. No romance de Modiano, por sua vez, esses quartos de hotel aparecem como abrigo de uma geração sitiada pelos ocupantes germânicos e sob o constante risco de deportação. Em suma, na Paris rememorada de Modiano, diferente da Berlim fictional de Tavares, não há abrigos minimamente eficazes onde se esconder. Com sua linguagem simples e direta, o retrato que se constrói de Dora é, ao mesmo tempo, dela e da cidade em que viveu até seus quinze anos, quando fora deportada para Polônia. Do mesmo modo, a imagem da cidade é, simultaneamente, a de uma paisagem do medo, mas, também, de uma cidade que se desenha sob uma cartografia afetiva, cujas ruas, praças, bulevares são nomeados com um

misto de afetos conflitantes pelo narrador. Nesse sentido, nosso principal aporte teórico passará pelo conceito de poética da paisagem (Collot, 2013), sob o qual analisaremos os efeitos de subjetivação das paisagens urbanas nesses romances e seus efeitos para a construção das personagens e da narração. Em conclusão, uma imagem literária do espaço urbano vai emergindo dos conflitos que movem as tramas, bem como pelos labirintos da memória, percorridos por meio de rastros e restos do passado em suas diversas materialidades reelaboradas pela arte.

## BIBLIOGRAFIA:

- BACHELARD, Gastón. **A Poética do Espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BOLLE, Willi. **Fisiognomia da Metrópole Moderna**. São Paulo: Edusp, 2022.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2023.
- CHKLÓVSKI, Victor. A arte como procedimento. In: TODOROV, Tzvetan. **Teoria da Literatura: textos dos formalistas russos**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 83-108p., 2013.
- COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FREUD, Sigmund. **O Infamiliar**. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MODIANO, Patrick. **Dora Bruder**. Tradução de Márcia Cavalcanti Ribas Vieira. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- TAVARES, Gonçalo M. **Uma menina está perdida no seu século à procura do pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas da narrativa**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.